

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA

CARLOS REIS ROCHA SOUSA

ESCOLA “ZEZENIANA”: UMA FLAUTA A PARTIR DO MARANHÃO

São Luís - MA

2025

CARLOS REIS ROCHA SOUSA

ESCOLA “ZEZENIANA”: UMA FLAUTA A PARTIR DO MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Música
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão para o grau de licenciado em
música.

Orientador: Prof. Dr. Renato Moreira
Varoni de Castro

São Luís - MA

2025

Sousa, Carlos Reis Rocha.

ESCOLA “ZEZENIANA”: uma flauta a partir do Maranhão /
Carlos Reis Rocha Sousa. - São Luís - MA, 2025.
64 f.

Monografia (Graduação em MUSICA) - Universidade
Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Renato Moreira Varoni de Castro.

1. Zezé Alves. 2. Ensino informal de Música. 3. Música
Maranhense. I. Título.

CDU: 780.71(812.1)


CARLOS REIS ROCHA SOUSA

ESCOLA “ZEZENIANA”: UMA FLAUTA A PARTIR DO MARANHÃO


Monografia apresentada como Trabalho de conclusão do Curso de Música Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Aprovado em: 08/07/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RENATO MOREIRA VARONI DE CASTRO**
Data: 04/08/2025 08:27:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Renato Moreira Varoni de Castro (Orientador)
Doutor em música
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **SOLON SANTANA MANICA**
Data: 30/07/2025 15:38:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Solon Santana Manica
Doutor em música
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **RAIMUNDO JOAO MATOS COSTA NETO**
Data: 30/07/2025 17:51:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Raimundo João Matos Costa Neto
Mestre em música
Universidade Estadual do Maranhão

DEDICATÓRIA

O trabalho foi grande, teve
vários contratemplos, mas é a
vida, obrigado, meu Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus por tudo.

A Jesus Cristo que veio e nos mostrou as belezas da vida, que devemos respeitar a todos e que sempre devemos ajudar o próximo.

A minha Nossa Senhora sempre me cobrindo com seu manto.

A minha querida mãe Judite, que sempre nos mostrou e incentivou a música, principalmente a valorização da cultura brasileira e com muito fervor a maranhense.

Ao meu pai em memória Abraão Ferreira de Sousa que tinha a música na vida, tocando sanfona e violão.

Aos meus irmãos sempre ao meu lado, Marcia Rejane e Maria do Socorro e em memória Francisco Carlos e Antônio Fortunato.

A pessoas que sempre me ajudaram, me incentivaram, como: tia Maria Rocha (Lili), Tio Ambrósio Ferreira e em memória tio Salomão Rocha.

Aos professores de toda a minha educação normal, técnica e musical. E as pessoas que sempre me acompanham, me ajudando, me incentivando e ao meu lado nos momentos difíceis e alegres, como minhas filhas: Juliana Carla, Juciana Carla, Maria Luísa e Maria Júlia.

*“Todos cantam a sua terra, eu
também vou cantar a minha,
modéstia parte seu moço, minha
terra é uma belezinha...”*

João do Vale

RESUMO

Este trabalho é sobre a atuação do músico maranhense José Alves Costa, que se tornou uma referência no estado do Maranhão, como flautista, professor de música e defensor da cultura maranhense. Sem desconsiderar o trabalho institucional “formal” do mestre Zezé Alves na Escola de Música do Estado do Maranhão – Lilah Lisboa de Araújo, esta pesquisa tem como objetivo o acesso à sua atuação artística e educacional de caráter “informal”. A quase total inexistência de publicações acadêmicas sobre músicos e professores de música do Maranhão levou este autor a optar, majoritariamente por entrevistas, com ex-alunos e companheiros musicais de Zezé. Esta metodologia inclui informações trazidas pelo próprio autor que conviveu com o mestre por vários anos. O trabalho concluiu que o mestre Zezé deu uma excelente contribuição à formação de músicos no Maranhão estimulando-os a tocar vários gêneros musicais e principalmente os dá própria terra, mas além disso se preocupava com a formação integral, contínua e humanizada dos músicos, estimulando-os a desenvolver consciência social e senso de cidadania. Tal abordagem foi definida por um dos entrevistados deste estudo, o professor João Neto (Neto da flauta) como a “escola zezeniana”. Além do mencionado, este trabalho é também uma homenagem póstuma a este grande músico e professor maranhense que faleceu em 04 de abril de 2024.

Palavras-chave: Zezé Alves; Ensino de música no Maranhão; ensino informal de música; música maranhense.

ABSTRACT

This paper is about the work of the musician José Alves Costa, from Maranhão, who became a reference in the state of Maranhão, as a flutist, music teacher and defender of Maranhão culture. Without disregarding the “formal” institutional work of the master Zezé Alves at the Maranhão State Music School – Lilah Lisboa de Araújo, this research aims to access his artistic and educational work of an “informal” nature. The almost total lack of academic publications about musicians and music teachers from Maranhão led this author to opt, mainly, for interviews with former students and musical companions of Zezé. This methodology includes information provided by the author himself, who lived with the master for several years. The study concluded that Master Zezé made an excellent contribution to the training of musicians in Maranhão, encouraging them to play various musical genres, especially those from his own land. In addition, he was concerned with the integral, continuous and humanized training of musicians, encouraging them to develop social awareness and a sense of citizenship. This approach was defined by one of the interviewees in this study, Professor João Neto (Neto da flauta), as the “Zezé school”. In addition to the above, this study is also a posthumous tribute to this great musician and teacher from Maranhão, who passed away on April 4, 2024.

Keywords: Zezé Alves; Music teaching in Maranhão; informal music teaching; music from Maranhão.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	14
3	METODOLOGIA.....	18
4	ENTREVISTAS E DISCUSSÃO.....	21
	4.1 João Neto	21
	4.2 Paulinho Lopes	23
	4.3 Paulinho Santos.....	24
	4.4 Josias Sobrinho.....	27
5	CONCLUSÃO.	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A – Entrevistas.....	35
	ANEXO A - Partituras.....	56

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é sobre a atuação do músico maranhense José Alves Costa (São Luís, 08 de dezembro de 1955 - São Luís, 04 de abril de 2024)¹, que se tornou uma referência no estado do Maranhão, como flautista, professor de música e defensor da cultura maranhense. Zezé Alves (ou Zezé da Flauta) foi professor da Escola de Música do Estado do Maranhão – Lilah Lisboa de Araújo² de 1983 a 2021, colaborando na formação de várias gerações de músicos, principalmente, flautistas. Sem desconsiderar seu trabalho institucional, esta pesquisa irá acessar aspectos da colaboração “informal” de Zezé Alves, principalmente, no âmbito de sua atuação artística e educacional no Maranhão. Portanto, um dos pressupostos deste trabalho é o reconhecimento que o legado do mestre não se restringe apenas às aulas na escola de música, nem somente ao gênero choro que era sua especialidade, mas, principalmente, pelo seu estímulo à versatilidade do músico e do flautista no âmbito informal, para que este atuasse em várias tradições musicais brasileiras e maranhenses como o cacuriá³, lelê⁴, Bumba-meu-boi⁵, samba⁶, entre outras.

¹ Estava em casa, à tarde, 05/04/2024, quando recebi a mensagem de um amigo, “professor Zezé Alves morreu...” Que dia triste, a música estava de luto e eu, autor desse trabalho também.

² Criada em 1974, a Escola de Música do Estado do Maranhão Lilah Lisboa de Araújo (EMEM) funciona num sobrado do século XVIII, localizado na Rua da Estrela, 363, Praia Grande, onde viveu a professora de piano que lhe dá nome. Restaurado para abrigar a EMEM, o prédio foi equipado com salas de aula e um auditório de 180 lugares, acusticamente tratados e climatizados).

³ O cacuriá é uma dança típica do estado do Maranhão, no Brasil, surgida como parte das festividades do Divino Espírito Santo, uma das tradições juninas. A dança é feita em pares com formação em círculo, o “cordão”, acompanhada por instrumentos de percussão chamados caixas do Divino. Acessado em 17/06/2025 em <https://www.geledes.org.br/cacuria/>

⁴ A dança-do-lelê ou péla-porco é uma dança folclórica brasileira que remonta ao século XIX. Trata-se de uma dança de salão, profana, mas que costuma ser dançada em honra de determinados santos, ao longo do ano. Acessado em 17/06/2025 em <https://www.geledes.org.br/danca-do-lele/>

⁵ É uma mistura de devoção, crenças, mitos, alegria, cores, dança, música, teatro e artesanato, além dos diversos estilos de brincar, chamados de sotaques que, em geral dividem-se em cinco: baixada, matraca, zabumba, costa-de-mão e orquestra. Contudo, estes estilos não são os únicos e existem ainda muitas variações, assim como os grupos criados a partir de releituras dos grupos tradicionais. Acessado em 17/06/2025 em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5499/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade>

⁶ O termo samba, desde o século XVIII, já era conhecido no Brasil Colônia e em Portugal graças aos viajantes que tiveram contato com danças africanas em Angola e no Congo. De forma mais ampla, os nomes dados a estas danças era batuque e samba, este último termo se originou da palavra africana semba que significa umbigada. Ao som de tambores e palmas, o semba tem uma coreografia própria, na qual o participante é convidado para dançar no centro da roda quando recebe uma “umbigada” de outro que já se encontra a dançar. Acesso em 17/06/2024 em <https://www.geledes.org.br/sua-majestade-o-samba/>

A virtual inexistência de publicações rigorosas sobre músicos maranhenses seja em livros, revistas acadêmicas, jornais, *blogs*, *websites* etc., já justificaria a realização desse trabalho sobre a trajetória artística e educacional de Zezé Alves. Porém, a realização deste estudo se torna ainda mais oportuna por várias circunstâncias: pelo fato deste autor ser ex-aluno, amigo e parceiro musical de Zezé Alves; por ter acesso direto ao ambiente musical vivido por Zezé e conhecer pessoalmente vários músicos que também eram amigos, companheiros, “discípulos” e que atuaram com o mestre. Soma-se a isso, o fato deste trabalho ser uma possibilidade de prestar uma homenagem a este músico que faleceu há pouco mais de um ano, deixando uma lacuna na vida musical de São Luís e do Maranhão.

Os poucos estudos sobre música e músicos maranhenses focam, principalmente, em nomes consagrados da música popular como, João do Vale, Zeca Baleiro, Rita Benedito, Dilú Melo, Alcione entre outros, deixando de lado uma série de artistas que ou não atingiram sucesso nacional reconhecido pelos meios culturalmente e economicamente dominantes do Sudeste, ou pela invisibilidade de suas contribuições para a vida musical e cultural do estado do Maranhão. Se os artistas mencionados não possuem trabalhos que acessem mais profundamente suas atuações ou contribuições na cultura brasileira ou maranhense, o que dizer de artistas músicos e professores que não saíram do estado ou que não galgaram a fama necessária para seu reconhecimento? Em relação à história de professores de música, tanto nascidos no estado ou vindos de fora, não é diferente. Um raro exemplo é o estudo sobre a vida e obra de Antônio Rayol, músico maranhense que começou seu aprendizado musical em casa, depois foi estudar em instituições de ensino de música fora do país. Quando voltou, continuou seu trabalho de educação musical, formando vários professores pelo Brasil.

Em 1900, restabeleceu a sua antiga Aula Noturna de Música, em 1901 fundou a Escola de Música e em 1902 editou seu livro didático *Noções de Música...* O tenor maranhense possuía uma personalidade forte que atraía amigos e inimigos, tanto pelo seu trânsito político quanto pela sua atuação em diversas áreas de promoção de eventos musicais, recebendo pelos jornais da época elogios e críticas, inclusive pela publicação do seu livro didático *Noções de Música* (Cerqueira, 2024, p.87).

Os dados sobre a vida e obra de Zezé Alves foram obtidos por meio de material publicado em mídias sociais na internet, vídeos no Youtube, jornais e revistas não

acadêmicas, assim como por entrevistas estruturadas (GOLDENBERG, 2004) com ex-alunos e/ou companheiros músicos que conviveram, longamente com o mestre e se disponibilizaram a colaborar neste trabalho. Preocupou-se com as limitações da interlocução em pesquisa em música (SALGADO et al., 2014), assim como com questões éticas (QUEIROZ, 2013) que envolveram a metodologia de pesquisa em relação ao entrevistador, o entrevistado e o conteúdo produzido. O autor desse trabalho também adicionou dados à pesquisa, por ter convivido como aluno e músico violonista que atuou ao lado do mestre.⁷

Pode-se afirmar que Zezé teve uma formação muito comum entre músicos populares, com um início autodidata e, posteriormente algum tipo de aprendizado musical mais formal. Isto se refletiu em sua carreira como músico e professor de música, e será acessado neste trabalho como a “escola zezeniana”, termo cunhado por um dos seus principais amigos e discípulos, o professor do Curso de Música Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, mestre Raimundo João Matos Costa Neto, que concedeu entrevista exclusiva para a realização deste trabalho (anexo I). Por exemplo, uma das principais características do professor Zezé era sua capacidade de trabalhar em várias formações musicais, tocando a flauta transversal tanto em repertório orquestral como nas tradições populares maranhenses e brasileiras. Para Zezé Alves a flauta podia “tocar tudo”, assim como o violão, cavaquinho, pandeiro, entre outros instrumentos, independentemente de tradição de origem.

Uma contribuição pioneira de Zezé Alves foi a publicação da obra “Choros Maranhenses” (COSTA, 2012), um caderno de partituras que se tornou referência sobre as músicas do gênero choro produzidas no Maranhão, mostrando que embora seja uma linguagem musical tocada em todas as regiões brasileiras, no Maranhão possui especificidades influenciada pela variada riqueza musical do estado.

Portanto, este trabalho de conclusão de curso procurará dar uma contribuição sobre a trajetória deste professor e músico maranhense que merece reconhecimento e valorização como um dos que lutaram pela música e cultura maranhense em todas as suas formas de manifestação.

⁷ Como se pode verificar neste arquivo de um programa local: <https://www.youtube.com/watch?v=WzOzKvKPst0>. Acesso em 11/06/2025 as 09h

2. REVISÃO DE LITERATURA

As informações publicadas sobre a vida e obra de Zezé Alves são escassas, sendo possível acessar o que está disponível em websites, mídias sociais, blogs e artigos de jornais corporativos, o que de um modo geral são informações superficiais sobre “artistas da terra”.⁸ No entanto elas trazem algumas informações sobre a vida e trajetória profissional do professor Zezé Alves que somadas às entrevistas e ao próprio convívio deste autor com Zezé, nos permite ter um panorama significativo de sua colaboração para a cultura e educação musical maranhense.

Uma das singularidades do professor Zezé Alves, é que o mestre trabalhava o ensino de música tanto dentro quanto fora da escola de música do Estado do Maranhão (Lilah Lisboa). Além disso ele tinha uma abordagem ao ensinar música e, principalmente a flauta que poderia ser enquadrado como informal. Quando Zezé via alguém tocando qualquer instrumento, a flauta principalmente, ele já queria saber se tinha estudado, se estava estudando, onde aprendeu etc. Fazia parte da sua maneira de ser, a curiosidade pelos métodos de ensino/aprendizagem dos músicos em geral, mas ele não se restringia a querer saber os processos para apenas se informar, ao mesmo tempo que perguntava, também fazia sugestões sobre como este músico

8

<https://www.youtube.com/watch?v=H0RbM-dOn9A>. Acesso em 19/11/2024 as 07h45.
<https://www.youtube.com/watch?v=MPqG5SIND40>. Acesso em 19/11/2024 as 09h00
<https://www.youtube.com/watch?v=Q0dolfcBunw>. Acesso em 19/11/2024 as 16h30
<https://www.youtube.com/watch?v=tLZnWzffUU>. Acesso em 20/11/2024 as 07h50
<https://www.youtube.com/watch?v=6Kb8KVrhsnU>. Acesso em 20/11/2024 as 8h45
<https://www.youtube.com/watch?v=IhAMwNYnygg&t=16s>. Acesso em 20/11/2024 as 9h15
<https://www.youtube.com/watch?v=duvsT7RUS6c>. Acesso em 21/11/2024 as 07h10
<https://www.youtube.com/watch?v=k7VBBt3xHVE>. Acesso em 24/11/2024 as 08h55
<https://www.youtube.com/watch?v=IhAMwNYnygg>. Acesso em 24/11/2024 as 09h10
https://www.youtube.com/watch?v=8c_WI_9b7OA. Acesso em 24/11/2024 as 9h50
<https://reportertempo.com.br/especial-marco-da-mpm-pedra-de-cantaria-chega-aos-40-anos-atual-e-encantando-pela-sua-beleza>. Acesso em 21/11/2024 as 08h10
<https://zemaribeiro.com/2013/07/01/chorografia-do-maranhao-zeze-alves>. Acesso em 22/10/2024 as 09h30
<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/04/dilu-mello-sera-homenageada-no-museu-historico-na-sexta-feira.html>. Acesso em 21/11/2024 as 08h20
<https://oimparcial.com.br/noticias/2024/04/movimento-propoe-homenagear-zeze-alves-com-nome-da-escola-de-musica-do-município>. Acesso em 22/11/2024 as 06h10
<https://oimparcial.com.br/checamos/2024/04/morre-o-musico-zeze-da-flauta-em-sao-luis>. Acesso em 21/11/2024 as 09h00
<https://www.youtube.com/watch?v=6Aki7Eee2Sw>. Acesso em 27/12/2024 as 10h48.

poderia melhorar sua forma de tocar. Um dos conselhos fundamentais que Zezé dava a seus interlocutores músicos, principalmente estudantes, e que este autor ouviu mais de uma vez, era que deviam praticar muito o instrumento, mas não se restringir a apenas um gênero ou estilo musical, e não tocar, somente na escola. “O músico tem que tocar de tudo!” Era uma frase comumente repetida pelo mestre Zezé Alves. “O que eu quero agora é a função de educador. Até por que eu gosto de ensinar, sempre gostei de ensinar, eu ficava dando aula em mesa de bar.” Zezé Alves⁹

O pensamento e a prática educativo-musical de Zezé podem ser descritos como uma dicotomia entre um ensino formal de música como aquele aprendido no horário e dia específico, com o professor, sobre técnicas instrumentais, teoria musical, leitura e escrita musical na partitura etc., e um ensino informal, que predominava no pensamento do mestre, que era todo o resto do tempo em que o músico deveria colocar o instrumento em prática sem horários e nem dia certos. Zezé afirmava que com o tempo o músico estaria preparado para qualquer evento, diminuindo o nervosismo, a ansiedade, sendo o estudo formal e a prática, complementares e indispensáveis para a sua vida musical profissional. Pode-se depreender da opinião dos entrevistados nesta pesquisa que o professor Zezé Alves fazia os dois com maestria, além da experiência muito grande em tocar vários gêneros musicais, com todos os músicos que o chamavam, tinha também os estudos sempre “em dia”, o que fortaleceu sua reputação e segurança para ensinar aos seus alunos e colegas músicos.

Embora não se encontre referências escritas sobre os métodos utilizados por Zezé Alves, a prática educativa do autor encontra ressonância nas áreas de educação e educação musical. Alguns dos pioneiros neste tipo de abordagem são: Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973) que no século XX categorizaram o conceito de educação em três diferentes tipos – “informal”, “formal” e “não formal”. Segundo os autores, a “educação informal” é um processo contínuo durante toda a vida dos indivíduos

Tal processo está intimamente relacionado aos estímulos e inibições recebidas a partir da experiência cotidiana bem como à disponibilidade de recursos e à influência educativa exercida pelo ambiente no qual o indivíduo se insere... a exemplo da família, dos vizinhos, do trabalho, das brincadeiras,

⁹ <https://zemaribeirol.com/2013/07/01/chorografia-do-maranhao-zeze-alves/>.

da feira local, a mídia de massa. Entre inúmeras outras. (COOMBS, PROSSER, MAZoor, 1973; apud COSTA, p.437-38).

Por “educação não-formal”, entendem quaisquer atividades educacionais organizadas e sistematizadas que ocorram fora do sistema formal estabelecido, ainda que operem em consonância ou de maneira complementar ao sistema escolar formal.

A área de educação musical é tributária de algumas das ideias mencionadas por Coombs, Prosser e Manzoor (1973) que também são úteis para entendermos o legado de Zezé Alves em seu percurso como músico e professor de música no Maranhão. Segundo Arroyo (2000), ao utilizarmos o termo “formal” para qualificarmos a educação musical, diferentes significados poderão ser destacados, pois esse termo pode ter significações tais como: “escolar, oficial, ou dotado de uma organização”. Assim, a educação musical “formal” pode ser considerada tanto aquela que acontece nos espaços escolares e acadêmicos, envolvendo os processos de ensino e aprendizagem, quanto aquela que acontece em espaços considerados alternativos de música (ARROYO, 2000, p. 79). Já sobre a educação musical “informal”, Arroyo, esclarece que o mesmo pode ser visto como “não-formal”, sendo considerado algumas vezes como educação musical não oficial e outras não escolar, utilizado para referendar o ensino e a aprendizagem de música que podem ocorrer nas situações cotidianas e entre as culturas populares. Para a autora (2000, p. 89):

A educação musical contemporânea demanda a construção de novas práticas que deem conta da diversidade de experiências musicais que as pessoas estão vivenciando na sociedade atual. Assim, transitar entre o escolar e o extra-escolar, o “formal” e o “informal”, o cotidiano e o institucional, torna-se um exercício de ruptura com modelos arraigados que teimam em manter separadas esferas que na experiência vivida dialogam.

Na mesma linha que procura ampliar as ideias sobre os tipos de educação musical no Brasil, Libâneo (2000) as classifica em duas modalidades:

A educação não intencional, chamada de informal ou paralela, e a educação intencional, que é estendida em educação formal e não-formal. O termo “educação informal” o autor considera mais adequado para indicar uma modalidade de educação que resulta do “clima” onde os indivíduos vivem, em que faz parte tudo o que está imbuído na vida grupal e individual. (LIBÂNEO, 2000, apud CARVALHO, 2000, p 60)

Libânio, fala em clima de vivência dos indivíduos para o ensino da música informal. Interessante já que esse clima depende de vários fatores; onde vivem? Como vivem? Se tem instrumento ou não? Como são os vizinhos? Dependendo do que vai ser ensinado? etc., o ambiente é fundamental para que essa música informal tenha êxito. Já para o professor Zezé Alves, qualquer lugar era ideal para o ensino da música, principalmente da flauta que era seu forte.

Em uma abordagem mais específica, a aprendizagem informal de “músicos populares”, Lucy Green (2008) sistematizou uma proposta pedagógico-musical que propõe para o contexto formal das escolas a adoção de cinco princípios identificados nas práticas informais de músicos populares: “1) os estudantes escolhem a música que querem trabalhar; 2) tiram a música de ouvido; 3) escolhem os colegas com quem querem trabalhar e aprendem uns com os outros; 4) a aprendizagem parte de um repertório “real” e não segue uma ordem pré-estabelecida; e 5) existe uma profunda integração entre as modalidades de audição, performance e composição, com ênfase na criatividade. (GREEN. 2008, p.10, apud NARITA, 2015, p.2).

Lucy Green, adotou princípios para o ensino da música formal, utilizando das práticas informais populares, “eu trago do informal para o formal, aí nós entendemos que os dois ensinos, se entrelaçam sempre, sempre vão estar associados, sempre vai mostrar que mesmo que eu vá ao formal, o informal é importante e vice-versa (GREEN. 2008, p.10, apud NARITA, 2015, p.2). Ensinar é uma arte e a arte de ensinar vai muito além dos moldes tradicionais aplicados há séculos nas escolas tradicionais ocidentais. Isto vai ao encontro do pensamento de Paulo Freire (1989) que afirma não existir saber maior ou menor, mas apenas diferentes saberes, cada um tem um jeito peculiar de aprender assim como de ensinar.

Dentro da área de Educação Musical nota-se que grande parte das instituições escolares no mundo ocidental herdou do conservatório um método de ensino de música, ignorando ou dando relevância periférica à realidade do ensino e aprendizagem de outras tradições musicais (GREEN, 2002, p. 4).

O diálogo entre estes distintos ambientes educacionais tem ocorrido de maneira tímida dentro das instituições destinadas ao ensino de música e a “educação musical tem tido relativamente pouca relação com o desenvolvimento da maioria dos músicos que tem produzido a grande parte da música que a população mundial escuta, dança, gosta e se identifica” (IBIDEM, p. 5).

3. METODOLOGIA

A virtual inexistência de estudos sobre músicos e professores de música maranhenses, como discutido acima, obrigam o pesquisador a retirar o máximo de informações em materiais, majoritariamente, jornalísticos. No entanto, é justamente a carência de trabalhos acadêmicos nestas temáticas, uns dos estímulos para produzir o presente estudo. Portanto, além da revisão bibliográfica e pesquisas em material escritos e em áudio e vídeo disponíveis na internet, optou-se como metodologia principal obter dados por meio de entrevistas com parceiros musicais de Zezé Alves. O principal critério estabelecido foi escolher pessoas que tiveram muito convívio ao lado do mestre Zezé Alves, pessoas comuns, ex-alunos, ex-colegas de música e trabalho, gente que comungou de muita coisa com o mestre e, obviamente, que colaborassem com este trabalho.

As entrevistas realizadas nesta investigação estão enquadradas na perspectiva de pesquisa qualitativa como abordado por Goldenberg (2004). A autora explica que um dos métodos mais eficientes de obter informação de agentes contemporâneos é por meio de questionários e entrevistas. Embora entrevistas possam parecer uma atividade simples, as entrevistas implicam uma série de questões de abordagem e categorias que vão implicar o tipo de dados coletados e conhecimentos produzidos.

Fomos buscar pessoas que conviveram e tiveram em seus dias contato musical direto com o professor Zezé Alves, isso proporcionou entrevistas de muita relevância em todos os aspectos, o professor era uma pessoa muito amada, o que tornou mais fácil a interlocução com os entrevistados. Se tem veracidade nas entrevistas, não sabemos, mas entendemos que a convivência com o professor é um fato fundamental para o trabalho. A verdade de cada um é única, mas ao transcrever as entrevistas vemos muitas coincidências nas falas, de evento acontecido com o músico Zezé Alves, entrevistas feitas em dias diferentes e locais totalmente diversos, o que nos leva a crer que tem verdade no que foi dito.

Cada entrevistado falou da sua convivência com o professor Zezé Alves, cada pessoa possui uma experiência única de vida, por isso pode ter coisas parecidas, mas têm também coisas totalmente antagônicas. As entrevistas foram feitas de forma

estruturada, com as mesmas perguntas e na mesma ordem aos entrevistados, sendo as questões enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir. Esse método tem uma facilidade na hora da entrevista, mas também nos deixa em alerta, que não devemos só crer nesse método e precisamos ter cautela com o que vamos receber de respostas, ela vai nos levar a imaginários que devemos nos atentar ao respeito ao entrevistado e saber discernir na hora do trabalho. “Pode-se perder a objetividade tornando-se amigo. É difícil se estabelecer uma relação adequada” (GOLDENBERG, 2004, p. 88), não aconteceu isso nas entrevistas, apesar de ser amigo da maioria dos entrevistados, a relação foi adequada e conveniente, não aconteceu nada que desapontasse as falas e o respeito devido.

As limitações da interlocução em pesquisa em música têm que ser consideradas neste trabalho. A acepção da palavra interlocução é especificada aqui como um processo de comunicação verbal entre pessoas que tomam parte numa pesquisa, portanto a cada situação de encontro e interlocução, há limites e possibilidades colocados pelas relações de poder e pelas vivências de cada indivíduo (SALGADO et al., 2014). No caso específico desta pesquisa houve uma relação de considerável horizontalidade, pelo entrevistador também ser músico e professor de música, além de parceiro musical de alguns entrevistados. De um modo geral, houve leveza e tranquilidade durante o processo, apesar deste autor nunca ter feito entrevistas anteriormente.

A entrevista tem um grande potencial de revelar dados, ela nos remete a muitas coisas, nos mostra com detalhes toda uma vivência, uma pesquisa, um trabalho, em que tanto o entrevistador quanto o entrevistado, percebem que ela é necessária em nossas vidas. As entrevistas nos proporcionam a entender muito mais o que estamos fazendo, a conhecer valores, pessoas, indivíduos que tiveram convivência com outros, mas, mesmo assim, tem história parecidas ou não, trabalharam juntos, viveram muitas coisas juntos, mas o pensar na vida é totalmente diferente, isso confirma o que todos dizem, “ninguém é igual”, mais um motivo para se ter entrevista.

Foi devido a todas estas ações e experiências adquiridas nos diversos âmbitos: acadêmicos, artísticos, musicais e culturais, de produção e gestão, nos espaços não formais e formais, que se tornou possível perceber a importância de pesquisar sobre o ensino informal e não formal de música. (Carvalho, 2020, p. 10)

Os áudios e vídeos sobre Zezé Alves disponíveis em mídias eletrônicas são limitados em profundidade e conteúdo, mas foram aproveitados na medida em que traziam informações relevantes.

Muitas questões relacionadas à ética, que permeiam a pesquisa em música, têm relação direta com a natureza singular do fenômeno musical, enquanto prática social e cultural. Nesse sentido, aspectos como a apropriação indevida de produções musicais, a divulgação e circulação de músicas sem as devidas autorizações, a exposição inadequada de sujeitos vinculados aos saberes, fazeres e criações musicais, a atribuição de valor a práticas musicais distintas a partir de diretrizes etnocêntricas e uniculturais, entre outros aspectos, demonstram que as questões de ética transversalizam os campos da pesquisa, das produções e das práticas musicais em suas diversas ramificações. Queiroz 2013, p. 10)

As entrevistas foram autorizadas pelos entrevistados. Quando tive contato com eles, fiquei muito alegre porque todos se colocaram à disposição e foram muito solícitos. Expliquei sobre a conversa que íamos ter sobre o mestre Zezé Alves para o meu trabalho.

4. ENTREVISTAS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados e analisados trechos das entrevistas de ex-alunos e colegas de Zezé Alves. Foram selecionados alguns tópicos para situar o tipo de colaboração à música do Maranhão e ao ensino de música do mestre Zezé. As falas selecionadas não pretendem esgotar a contribuição dos colaboradores da pesquisa, sendo somente uma interpretação possível, mas revela como se situa a “Escola zezeniana” na dicotomia entre ensino formal e ensino informal de música.¹⁰

4.1 Raimundo João Matos Costa Neto

Flautista formado pela Escola de Música Lilah Lisboa-EMEM, graduado em Licenciatura em Música na Universidade Federal do Maranhão-UFMA e Mestre em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Professor Assistente no curso de Música Licenciatura na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.

¹⁰ A transcrição integral das entrevistas está no anexo 1 deste trabalho.

Professor de flauta transversal da Escola de Música Lilah Lisboa-EMEM. Acompanhou artistas como: Josias Sobrinho, Rosa Reis, Cacuriá de dona Teté, Carlinhos Veloz, Joãozinho Ribeiro, Célia Maria, Alexandra Nicolas, Tião Carvalho, Juca Chaves entre outros.¹¹

A entrevista com o professor João Neto, teve frases e histórias do cotidiano do educador Zezé Alves. Devido a sua vida de músico, noites perdidas e muito consumo de bebidas alcoólicas, o professor teve um problema mais sério.

Ele foi um professor formador, não só na escola formal, mas sim na vida, também. Ele me viu tocando e quis logo saber tudo, como aprendi, com quem, se estava estudando, etc., ele tem uma relação muito grande com Josias Sobrinho e bonita, de parceria, de casa, de história, de vida, as coisas do rabo de vaca, de outras coisas que eles fizeram juntos, então essa consideração migrou para mim, no sentido de dizer, tenho que ajudar esse cara, ele é sobrinho de Josias, faz parte, então ele foi um paizão musical, ele e Josias. Então têm vários valores investido nessas palavras. Zezé teve que fazer uma cirurgia, foram 3 pontes de safena, viaduto de safena, sorrisos...ele fez né, então nessa época 2005, ele me colocou em todos os trabalhos, ele não podia, então peguei todos os trabalhos.

Com os problemas de saúde Zezé Alves continuou seu trabalho, indicar alunos a lhe substituir nas atividades que ele exercia, que eram bastante.

Senão me engano, só não o Instrumental Pixinguinha, estava um tempo sem tocar, estava tocando só no dia de terça feira, lá no bar Por Acaso, acho que ficou sem Zezé, por um tempo, né! Eu não lembro quando tempo foi, ele me colocou no “Xaxados e Perdidos”, no “trio tom” ele (Zezé), Chico nô e Lazico, “Cacuriá de Dona Teté” eu fiquei no lugar dele. Eu costumo falar da escola “Zezeniana” flautista, que ele ensinou justamente, que a gente tem que estudar sempre e não ter medo, bota no tambor de crioula, no bumba meu boi, ele sempre incentivou o cara tocar, improvisa aí, rapaz não sei tocar, vai na escala de dó maior, te vira, ele fez essa escola Zezeniana. Pois é, na escola do Zezé Alves, também se aprendia na prática, na lida do músico, provando que tem que unir o estudo e a prática, o músico se beneficia bastante e se torna o verdadeiro músico.

11 Professor João Neto participou de alguns grupos de música instrumental entre eles o Instrumental Pixinguinha, Urubu Malandro, Azeite Brasil (grupos de choro), Duo bossa (flauta e violão ou piano). Fez gravações em trabalhos de Ronald Pinheiro, Rosa Reis, Vamu di Samba, etc., morou em São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro e Belo Horizonte onde se apresentou em palcos importantes. Fez cursos e oficinas com Hermeto Paschoal, Altamiro Carrilho, Toninho Carrasqueira e Paulo Moura. Coursou a Escola Portátil de Música Oficinas de Choro no RJ integrada pelos grandes Mestres do Choro como Luciana Rabelo e Maurício Carrilho.

O aluno exercendo seu ofício, mas pensando nas palavras do professor Zezé Alves, procurando dar sentido aos ensinamentos na substituição dos seus trabalhos.

Uma das coisas sobre Zezé, mesmo ele sendo professor da EMEM, músico flautista, referência para todos que tocam esse instrumento, ele foi estudar, surgiu o curso superior de música, ele foi um dos primeiros a passar na primeira turma, sempre foi um pesquisador arduo, essa coisa dele de estudo, sem se preocupar com idade, para ter essa humildade.

Idade não existe quando se quer, a idade existe no documento, a cabeça tem que estar voltada ao aprendizado, independente da área, mas a música ela sempre muito pesada nesse ponto, você tem de estar todo tempo e o tempo todo atualizado em tudo, não podemos deixar passar nunca.

Nas palavras do professor João Neto, que inclusive cunhou o termo “Escola zezeniana de Flauta”, é possível depreender que o mestre pensava na formação integral do músico estimulando estudo de outras áreas do conhecimento, na realidade preocupado com a formação integral do indivíduo. Além disso o mestre defendia a busca incessante pela excelência musical, estimulando que quem estivesse em seu entorno nunca parasse de se aperfeiçoar.

O professor João Neto afirma que o mestre:

- Foi um formador não só de flauta, mas também na vida de cada aluno e de cada pessoa que se aproximava dele falando de música;
- Ele foi fundamental na vida tanto de artista como no dia a dia de todos os seus alunos;
- Ele percebia que o colega, o amigo ou até o desconhecido que se interessasse por música, principalmente a flauta, precisaria de um incentivo ou de algo mais para crescer no instrumento, não pensava muito no ônus, mas ao ver seus alunos tocando, ele ficava satisfeito.
- Zezé o grande legado que ele passou, também, foi nesse sentido de ser professor, de estudar na verdade ele falava “a música não é só tocar, tem que estudar outras coisas, e a leitura, essas outras nuances música/história, música/sociologia, música/medicina, todas interdisciplinaridade possíveis, ele foi um cara que nos deu o exemplo que tem que estudar não importa a idade, viver só de tocar é difícil, ele foi um educador da vida, pelo menos para mim ele foi um paião nesse sentido, porque meu pai mesmo nunca aceitou que eu

fosse músico, segue essa carreira e Zezé e Josias Sobrinho, foram dois caras que sempre me incentivaram, então ele tem uma importância gigantesca nesse sentido e na “escola Zezeniana de flauta”, ele sempre passou essa bola de estudar, de não parar, de achar que já sabe, isso é o grande legado dele.

4.2 Paulinho Lopes¹²

Na entrevista com o amigo e colega de composição Paulino Lopes¹³, ele nos falou de algumas músicas da parceria, como: “Queimada, Campo Cidade, Berro, Apito do Navio, Bilhete do Tempo, fizemos outras, fizemos mais 10 ou 12 músicas”

O compositor Zezé Alves era preocupado com a situação do país e seu colega Paulinho Lopes, viajava muito pelo interior do estado, então ele se acostumou a trazer as letras do que via e Zezé Alves musicava. “Ele me deu um Yamaha (violão), que é uma relíquia, que ele tinha ganho”. Além da escola informal “Zezeniana” ele incentivava amigos e alunos com instrumentos, isso faz parte da sua escola. Temos na história mundial pessoas assim, como o grande Luiz Gonzaga que deu mais de 300 sanfonas, ele via a pessoa tocando e incentivava com um instrumento de melhor qualidade, após assistir há várias entrevistas do mestre Lua, vi esse relato, com certeza tem vários pelo Brasil e mundo com histórias parecidas.

Zezé tinha uma história de tocar com todo mundo, não tinha flautista na cidade, todo mundo que ia fazer espetáculo, chama Zezé, então a gente começou nessa história de produção, fiz a produção do “Vida Bagaça”, “Nesse Mato tem Cachorro” que era com o Rabo de Vaca, era: Lili, Eu, Madson, já falecido, Lili também já faleceu, pessoal até brinca comigo que eu sou “herói da resistência”, então eu conheci Zezé nessa loucura, nesse corre ganhando pouco, ganhando “cachê” de R\$ 50,00, de R\$ 100,00 e tal, mas todo mundo chamava Zezé.

Ele esteve em uma época que quase não tinha músico de flauta o estado do Maranhão, deveria ter alguns, mas não se apresentaram e todos conheciam o Zezé Alves, ele aproveitou e fez disso seu laboratório.

¹² Zezé teve uma época que não queria mais morar com a mãe dele lá Cohab que é muito longe, eu disse: Zezé vem morar comigo, aí Zezé foi, em um pensionato que eu tinha um quarto, ele veio morar comigo, ficamos uns dois anos juntos, morando junto, viajamos juntos, então a gente teve uma convivência muito próxima.

¹³ Poeta, músico, recriador infantil e compositor

Eu fiz um espetáculo Bicho da Ilha no Teatro Artur Azevedo, foi lotado, foram dois dias, que eram vários compositores, tinha gente do Anjo da Guarda, do Vinhais (Joaozinho Ribeiro), Josias Sobrinho participou, mas tinha muita gente nova que eu chamei e eu tenho a ter uma matéria sobre o Bicho da Ilha. Zezé não teve o reconhecimento merecido, incentivou várias pessoas, deu aula para muita gente, muita gente passou pela mão dele”, ajudou várias pessoas, é uma coisa normal da vida do Zezé Alves. “Tem, Todos os santos, que Zeca Baleiro até cantou um tempo essa música. Zezé trabalhou na formação de muita gente.

Em suma, Paulinho Lopes afirma que o amigo:

- Zezé era preocupado com a vida do país;
- Com o ensino da música;
- Com a musicalidade de cada pessoa;
- Ele incentivava com doações de instrumentos;

Ele não teve uma vida fácil, então queria ajudar todos.

Nas palavras deste entrevistado percebemos que o professor Zezé Alves estava antenado com as coisas do Brasil, não era só artista, professor preocupado o que vais passar, mas pensando sempre que o dia a dia do brasileiro é fundamental para a vida de todos, inclusive dos seus alunos.

4.3 Paulinho Santos¹⁴

Paulo Oliveira dos Santos Filho, iniciou seus estudos na EMEM, em 1983 onde foi aluno na classe de flauta doce da professora Lisiane Nina. Posteriormente aluno na classe de flauta transversal do professor José Alves Costa (Zezé Alves ou Zezé da flauta). Foi aluno também do professor Clemenés Hilbert e venho aperfeiçoando, e fazendo vários cursos, entre eles: a oficina de música de Curitiba e o curso de verão de Brasília. É hoje solista de flauta transversal, participando de vários trabalhos no campo da música popular maranhense.

A entrevista com o professor e ex-aluno de Zezé Alves, Paulinho Santos, afirmou:

14 Conheceu o Zezé Alves nas rodas de músicas, foi aluno dele, depois viraram amigos.

Foi um professor, foi professor meu, foi o primeiro professor de flauta transversal da EMEM”, está aí uma prova viva de aluno e colega de educação musical. “Quando criança em casa dormindo eu acordava com aquele som daquela flauta, violão, batucada na madrugada, naquele período a cidade era mais acolhedora sem ter muito barulho e de casa eu ficava ouvindo, as vezes quando eles se encontravam naquelas noitadas de muita bebida, eu ouvia o som daquela flauta maravilhoso em casa, e nesse período eu vi a conhecer Zezé, “pai musical” posso dizer, porque foi um “cabra” que a gente se afinou tanto, a gente sai, curtia, se divertia, foi um professor!

A história vai confirmando o que havíamos dito antes, Zezé Alves, foi fundamental para vários músicos, sem cobrar nada de grana, é claro, mas cobrava empenho. “Mas como João Neto fala a “escola Zeziana de flauta”, a escola de Zezé... ele não foi um cara com a didática de uma escola regular, era uma escola simples” a escola de toda uma simplicidade de um mestre, amigo, da escola informal, natural, mundo a fora, ex-alunos que nem estão mais no Brasil e nem no estado do Maranhão, assim a escola Zezeniana”. Zezé Alves sempre incentivando, dando força, não costumamos ver isso em professores de qualquer disciplina, são poucos, infelizmente. “...e eu comecei com o grupo e ele me dando maior força, “não Paulinho, vai lá!” foi importante pela minha passagem pelo choro”.

Ele era muito culto, gostava muito de ler, ele era hiperativo, aí foi que ele entrou de cabeça na pesquisa, ele escreveu o “Choros Maranhenses” o outro trabalho foi o da Dilú Melo que ele escreveu, estava sabendo ele estava com o trabalho do “songbook” de Sergio Habibe, eu sei também que tinha outro de músicas maranhenses e depois que ele aposentou, ele se dedicou mais a esse trabalho de escrita, pesquisa, ele estava com uma series de projetos. ” Após aposentadoria não parou, continuou a sua escola, que estão sendo e ainda vai ser por muito tempo, fundamentais a todos os alunos de música. “Ele tocou com todo mundo, ele foi um flautista da rua, lembro quando ele perdeu a flauta, estava com uns amigos, ai dormiram na rua e perderam a flauta, depois de um tempo a flauta apareceu no Convento das Mercês, quando eu estava dando aula, teve um ex-aluno de flauta tinha encontrado, ele era filho de um carroceiro, eles trabalhando quando passaram no bairro Bequimão, num lixão, o menino achou a caixa, batendo na sarjeta, para saber o que tinha dentro, mas não conseguiu, quando no dia seguinte Zezé me liga, “Paulinho perdi minha flauta lá num comercio, vamos lá” lá vai eu e Zezé nesse comercio e perguntou, o dono falou “você sai daqui e sentou ali para pegar ônibus” ai depois de alguns anos dando aula no Convento das Mercês, esse rapaz nunca me falou nada, meu aluno, ai o aluno disse ao

Professor/Diretor da escola Tomas de Aquino que ele tinha um instrumento, mas nunca tinha falado pra gente, aí o professor Tomas disse: “Paulinho, rapaz, encontramos a flauta de Zezé, não é que o “fulano de tal” teu aluno, estava com o instrumento e nunca nos falou”. Esse instrumento ficou desaparecido muito tempo, todos nós imaginávamos que ele nem tivesse mais em São Luís, aí Zezé foi ao encontro do aluno, eu contei a situação do aluno para Zezé, “Paulinho o que vamos fazer” e Zezé falou, vou dar essa flauta para ele, além de tudo era uma pessoa muito generosa, coração bom.

Essa parte todos os educadores têm, de querer ajudar, mas tem uma minoria que ajuda verdadeiramente, sem medir esforços, foi o caso do professor Zezé Alves, todos os músicos têm que ser completos, temos que fazer o melhor possível, mas não podemos esquecer que temos que ter sentimento, bastante. Nas frases do professor Paulinho da flauta, ele afirma o que já falamos bastante e confirmamos, Zezé Alves foi um grande professor de tudo, mas precisamente da flauta, da música. A flauta do Zezé vinha através do vento para as residências em todo centro da cidade de São Luís, som bem colocado, bem tocado, isso é demais. Ele não discriminou ninguém, tocou com todos que lhe chamavam. Deixou um leque de trabalhos para vida musical do país. Incentivar sempre.

O professor Paulinho Santos, afirma que Zezé:

- Foi um professor;
- Foi, meu professor;
- Foi o primeiro professor de flauta da EMEM;
- Ele era hiperativo;
- A didática diferente de uma escola regular;
- Escola Zezeniana era simples;
- Ele queria que os alunos já fizessem parte de grupos;
- O primeiro teste era sempre tocar com músicos habilidosos;
- O músico e compositor Sergio Habibe foi seu professor e virou seu ídolo.
- O legado de Zezé está estampado em cada aluno que teve o privilégio de tê-lo como professor, sem falar de sua vital contribuição para a criação do curso de música na UEMA onde se formou e continuou colaborando. Por esse motivo, é de grande relevância que de alguma forma se encontre um meio para que se possa homenageá-lo. O que seria muito justo.

O professor Paulinho Santos, afirma que o professor Zezé Alves foi um grande professor em todos os níveis da educação, por ser um professor ligado em tudo do aluno, por querer ajudar como podia, isso lhe deixava satisfeito com o conjunto de ações de um professor, ensinar para vida. Ele começou a aprender com seu e depois de muitos anos foi fazer um trabalho de escrever as músicas do seu ídolo na linguagem musical.

4.4 Josias Sobrinho¹⁵

Josias Silva Sobrinho é compositor, violonista, cantor, produtor cultural e professor licenciado em música pela UEMA. Começou profissionalmente na década de 1970. Suas primeiras criações se deram entre os anos 1971/1972, quando estudante em Belo Horizonte. Tem como interpretes de suas músicas; Zeca Baleiro, Castello Branco & Rodrigo Gallardo, Alcione, Ceumar, Rita Benneditto, Paula Santoro, Papete, Betto Pereira, Diana Pequeno, Leci Brandao, Xuxa, Flávia Bittencourt, Pena Branca e Xavantinho, A Quatro Vozes, Márcia Castro, Rolando Boldrin, Rosa Reis, Tião Carvalho, Vidal França entre outros. Amizade em geral, tocaram juntos, moraram juntos, Josias é padrinho de uma das filhas de Zezé etc.

Na entrevista concedida a este autor, Josias Sobrinho, afirma:

Zezé já tinha um certo relacionamento com Sergio Habibe, que é um dos ídolos dele... ele começou a tocar flauta influenciado por Sergio Habibe. Zezé pegou a transversa do dia para a noite, começou a tocar tudo, só tinha ele, começou a tocar a se esforçar. Quando o Rabo de Vaca começou a tocar como grupo independente, que saiu do teatro, ou peça, para fazer um trabalho de música, foi uma coisa que eu defendi, gente o espetáculo vai acabar, a gente vai parar, vamos tocar, eu já tinha um repertório do “Bandeira de Aço”¹⁶ que estava pronto, existia, tudo que a gente ganhava, a gente dividia, comprava equipamentos, microfones, instrumentos, isso durou cinco anos” a vida de artistas independente, que precisam lutar para ter algo, se apresentar, viver na música, é difícil e passo por isso até hoje, mas temos uma mídia ainda retrograda, que só visa lucros, faz artistas e jogo ai de qualquer jeito, continua com a lavagem cerebral da ditadura, só com a forma

¹⁵ Zezé é quase irmão meu, quando o conheci ele estava começando a tocar flauta doce, ele era uma figura que andava pela cidade, muito à vontade, era dele.

¹⁶ Disco Bandeira de Aço 1978

diferente de atingir, pagando a maioria de emissoras de rádio e tv para tocar o que eles querem todo dia, o dia todo, é muito triste.

A vida do músico é cheia de indicações, que são fundamentais ao exercício da função, as amizades, ao aprendizado, a experiência.

O Rabo de Vaca começou com uma pegada muito própria, o que era um trabalho autoral, então a gente trabalhava com músicas maranhenses, com ritmos do Maranhão, bumba meu boi, tambor de mina, divino, choro, samba, todo esse cancioneiro, foi muito ligado ao que temos até hoje, samba e tudo mais, e Zezé sempre tocou isso, Zezé tocou muito pouco flauta erudita, o forte dele era o popular, uma paixão muito grande por Sivuca, tem choro dedicado a Sivuca, homenagem a Sivuca, um choro bonito que só, tem um choro que ele dedicou a mim “Candiru” dele e de Omar, é um baião” o músico Zezé Alves foi exemplo de perseverança, de luta pela a nossa música feita no Maranhão. “Zezé realmente é um caso a ser estudado, Zezé dá uma monografia inteira, um cara que tinha pouca expressão quanto a cidadão, pessoa, porque era um cara que não dava muita bola para ele, na turma de jovens, ele era um cara exótico, engraçado e tal, que a turma curtiu com ele”, a vida de um gênio tem sempre percalços, mas a esperança dele vencer e passar para todos foi e é espetacular.

O grupo Rabo de Vaca foi fundamental na vida do professor Zezé Alves, com união e trabalho autoral de ritmos variados.

Ele era quase invisível e chega a ser um dos músicos mais importantes do Maranhão, que não foi só um instrumentista, mas um educador por excelência, também de um jeito muito particular, muito próprio, ele adotava as pessoas, para dá a elas um sentido musical, ele fazia isso com uma entrega, uma generosidade, tudo muito natural e maravilhoso” o que é melhor de um educador, ser natural, gostar do que faz, entender que o ensinamento é para a vida e não só para fazer provas de concursos. “ Zezé fez várias pesquisas, ele é pioneiro no “songbook” na cidade, primeiro “songbook” que ele trabalhou foi de Dilú Melo, ele fez, ai ele foi consolidando isso com os próprios recursos dele, ele conseguia fazer os projetos dele, no final do tempo com a própria aposentadoria dele, ele conseguia imprimir as coisas dele, fez o caderno de choro, estava fazendo um livro de partituras com sessenta músicas de músicos populares maranhenses... ele tinha um cuidado muito grande com a fidelidade dessas obras, ele me trazia para fazer revisão, para corrigir as harmonias, para fazer na original”, são palavras fundamentais para a nossa discussão, ele aprendeu no informal, teve aula no formal, mas nunca deixou de pensar que a produção, trabalhar com esses livros seria

importantíssimo para a continuidade de suas aulas no dia a dia, para aprimorar até suas investidas nos seus alunos.

Ai o professor, vai para outro lado maravilhoso da música, fazer livros de música com partituras, pesquisar, usar tecnologia, são coisas essenciais para todos os artistas.

Tem outro projeto que é o “songbook” de Sergio Habibe que foi lançado um volume com vinte músicas, são três volumes, são sessenta músicas, que ele escreveu as partituras, esse projeto nasceu da ideia dele” “o Rabo de Vaca foi tocar na “Fonte do Ribeirão” acho que foi o segundo ou terceiro espetáculo da banda, eles estavam inaugurando uma reforma da Fonte, estava tudo arrumadinho, isso foi entre 1980 e 1981, o palco estava olhando para as “carrancas” platô superior, um pouco abaixo do nível da rua, ali tem umas palmeiras, eles tinham acabado de plantar duas palmeiras pequenas, Zezé estava tocando flauta e pegando clarinete, ele estava tocando flauta e o clarinete ele colocou no pezinho ao lado de uma palmeira, tocando, tocando, ai a turma vai Zezé, ai em vez de pegar o clarinete, pegou a palmeira.

A música tem dessas coisas, mas o consumo de bebidas também ajuda. Mas nós músicos passamos por várias coisas, principalmente ao vivo.

Josias Sobrinho, afirma:

- Zezé merece um TCC;
- A história do professor Zezé Alves é muito boa para uma monografia;
- Zezé é um caso a ser estudado;
- Zezé Alves foi exemplo de perseverança, de luta pela nossa música feita no Maranhão;
- Ele era fiel a transcrição das músicas;
- Os trabalhos de partituras de vários compositores, além de pesquisa era a maneira de dá a aula e os alunos melhorarem nas execuções;
- Educador por excelência.
- A lembrança recorrente de Zezé é a sua permanente disposição para aprender o que quer que fosse e logo passar isso adiante, num ciclo em que passar adiante era o mais significativo, onde aprender era essencial para a construção do material intelectual a ser levado adiante. O professor e o aluno em uma só pessoa.

Uma história complexa, como viveu, como foi criado, como se empenhou em procurar os caminhos do estudo da música, estudando como podia, se educando, se enchendo de sabedoria e depois viu nos alunos a sua vida, foi difícil, vou amenizar a vida dos meus alunos.

Josias Sobrinho nos fala de uma pessoa humilde que apareceu, encantado com música e com a flauta de Sergio Habibe, que foi atrás do que era aquilo, vou fazer, vou estudar, vou em frente, a partir dali Zezé foi lutar pelo que queria e aliado a isso o conhecimento com vários artistas facilitou o seu desejo com a música. Um gigante no Maranhão, do Maranhão que precisa ser reconhecido e revelado cada vez mais.

Os entrevistados não falam sobre isso, mas o que dá para entender e eu vi um pouco, que ele sempre levava de tudo para aluno estudar, principalmente as músicas locais, e daí ele organizava as técnicas que deviam ser usados em cada música, é claro, com o ritmo bem acentuado de cada interpretação. Porém ele ficava triste quando o aluno não levava o sentimento nas interpretações e cobrava, o que é fundamental para um músico. Todos os entrevistados falaram sobre a bondade do mestre, era público e notório quando o aluno falava sobre não ter instrumento.

Mas tínhamos o compositor Zezé Alves, com músicas de luta, músicas de vida, músicas com qualidade, músicas bem harmonizadas. Na entrevista com seu amigo e parceiro de composições Paulinho Lopes, entendemos um pouco mais de suas ideias de compositor. Como autor desse trabalho vejo que o mestre da educação também era competente nas composições, nas interpretações, em harmonizar cada canção, era um músico completo, o educador atual com as utilidades da atualidade, informações em tempo real, pesquisas antes, durante e depois, usava programas de escrita inovador, era completo em tudo da música, assim se faz o grande educador, músico, artista, aproveitando tudo que ele estudou e que apareceu, o que foi, é e sempre será fundamental para todo o Maranhão, a música como deve ser para todos, sem exclusão, mas é claro com desafio que é normal na música, mas com menos do que outrora.¹⁷

¹⁷ Há um movimento de músicos e professores que propõe que o a Escola Municipal de Música de São Luís se chame “Zezé Alves”, encabeçado pelo amigo e colega de composição Paulinho Lopes.

5. CONCLUSÃO

Para o professor Zezé Alves o aluno teria que está sempre apto a trabalhar, a mostrar, tudo que aprendeu, em todos lugares que ele vá e se apresente, e estar sempre pronto para os palcos da vida. A escola não formal ou informal de música é sempre isso, estude, treine, pratique e viva. A informalidade sempre esteve e ainda está presente nos dias atuais, mesmo que tenhamos o ensino formal, o informal tem estado em todos os lugares, como em residências, que eu há muitos anos fiz parte, e comecei com essa escola, mas não com a disciplina música, mas ao longo de tempo vi, vários professores com esse ensino da música, fora da escola formal, vivenciei várias aulas de música com o ensino não formal, na rua que morava, em outros bairros, eu mesmo ministrei e ainda ministro aulas longe da escola formal, tem vários motivos, pagar menos, o conforto do lar, em um espaço de silencio e calma, a pessoa que contrata gosta que sejam cumpridas suas exigências e nós como pessoas que sabem um pouco mais ou com formação em instrumentos, fazemos a nossa parte e ainda tem o lado do dinheiro, que ajuda bastante, é um ensino que nunca deve deixar de existir, e esse trabalho o Zezé Alves fazia normalmente, diariamente, era um combustível normal em sua vida cotidiana.

É um processo que acontece e aconteceu para esse autor por muito tempo, quando o tempo de informal esteve e está até hoje, mais especificamente em tempos passados, a escolha da música, o que fazer, com uma orientação básica de professor de muita experiência, as vezes uns com formação, outros não, mas aquele ensinamento fica para sempre, naquela hora, naquele tempo de ensinamento você se sente privilegiado, alegre, tem alguém que pensa e faz com os que não tem o tempo, a condição, não sabe se vai passar na prova do conservatório, que não estudou música, faz o que nós queríamos, uma simples aula em qualquer lugar, ali naquele momento único, mas proveitoso, olhos atentos, empolgado, tem um mestre nos explicando como funciona, é fantástico, isso eu vi várias vezes o professor Zezé Alves falar, e em alguns eu autor desse trabalho, está lá, aproveitando e assimilando.

Continuando com um depoimento pessoal sobre a importância da "informalidade" no ensino de música, lembro que minha irmã cantava na igreja e a

mamãe colocou um professor de violão, para ministrar aula, na nossa casa, ele era prático de violão, não tinha formação. Mas tinha todo um material para suas aulas, como um carimbo como se fosse o braço do violão. Minha mãe comprou um violão azul para minha irmã, mas ela não se interessou, e minha irmã não quis mais aula, mas eu e meu irmão, nos interessamos e fomos aprender sem professor, sem processo nenhum, mas comprando revistinhas na banca com músicas cifradas e por muito tempo ficamos dependendo desse ensinamento, que foi muito importante para nós, depois fomos conhecendo músicos de formação técnica e depois de nível superior, mas senão fosse aquele nosso olhar, aquela vontade, talvez não estaria fazendo esse trabalho em música, talvez em outro curso e isso o professor Zezé Alves fazia normalmente. Na época tinha muito professor informal, mas todos num valor muito além do que podíamos dispor.

Concluindo esse trabalho confirmei umas ideias que sempre tive que a escola não é só no prédio, nas salas, de quadro e cadeiras iguais, mas em qualquer lugar que o ensino aconteça e se fique à vontade, você não precisa só de professores com experiência da escola dita “normal” ou “formal”, mas de qualquer um que tenha essa veia de ser um educador, de saber passar o mais importante daquela disciplina e a música não é diferente, precisamos bastante pertencer a essa escola dita “informal” eu aprendi bastante e isso me deixou ainda mais com vontade de ir para a escola formal e juntar e ver que as duas escolas são indispensáveis. Concluo esse trabalho com a satisfação do dever cumprindo, é claro, deve ter muito mais trabalhos sobre a escola “informal” e “formal”, mas para falar dessas escolas e entender o trabalho do professor Zezé Alves, várias lições foram entendidas e discutidas, que são relevantes para a arte da música no Maranhão e no Brasil.

6. REFERÊNCIAS

O Brasil em revista **NOVA IMAGEM**, Brasília-DF/edição 14, junho de 2024. Disponível em: <https://novaimagemrevista.com.br>. Acesso em 15 de janeiro 2025

Alves, Z. (org.). **Choros Maranhenses: caderno de partituras**. São Luís: BNB Cultural, 2012.

Queiroz, L. R. S. **Ética na pesquisa em música...** Per Musi, Belo Horizonte, n.27, 2013, p.7-18.

Goldenberg, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 8ªed. qualitativa em Ciências sociais. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004

José Alberto Salgado, David Ganc, Júlio Erthal, Leonardo Rugero Peres e Jnathan Gregory. **Refletindo sobre a interlocução em pesquisas com música**. Debates, UNIRIO, n. 12, p. 93-105, jun 2014.

Cerqueira, Daniel Lemos. **Antônio Rayol: uma biografia**. / Daniel Lemos Cerqueira. – São Luís: EDUFMA, 2024.

Oliveira Junior, José Alberto Campos de. **Bandeira de Aço: música, identidade e cultura popular do Maranhão** / José Alberto Campos de Oliveira Junior. – São Luís/MA, 2014

Heringer Costa, Rodrigo. **Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal** UNIRIO/MESTRADO/PPGM. SIMPOM: *Educação Musical*. 2014

Carvalho, Leticia Araújo. **O Ensino Informal e Não Formal de Música: Metodologia e Práticas Pedagógicas Para o Ensino Informal e Não Formal de Música Percussiva**. Universidade de Évora, Portugal 2020.

Wille, Regiana Blank. **Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes**. UFPel – RS, revista da abem, nº 13 de 2005.

Narita, Flavia Montoyama. **Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal**. Departamento de Música/Instituto de Artes, Universidade de Brasília - UnB (Brasília/DF), Revista Abem 2015.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

João Neto

Carlos Reis: João Neto, o que eu tenho acessado sobre o Zezé Alves é muito pouco, tu sabes me dizer: vida conjugal, trabalho, existe algo a mais? Livros etc.?

João Neto: Vida conjugal é difícil, sorriso...que eu saiba, ele foi casado com muito tempo com Celina, tem duas filhas Ana Beatriz e Ana Cecília, não sei muito, o que eu posso dizer que é importante, como foi que a gente se conheceu, como músico, como professor, ele foi um professor formador, não só na escola formal, mas sim na vida, também, então a minha relação com ele, relação “conjugal”, sorrisos... talvez no sentido de comungar a questão da flauta foi muito é... foi muito importante para mim, para minha carreira, tem um papel fundamental, tanto na minha educação musical, quanto na minha carreira musical, de participar em grupos, enfim. Zezé me conheceu eu tinha por volta de 3, 4 anos de idade, nos ensaios do Rabo de Vaca, que os ensaios eram na casa da minha vó, quando a minha mãe morava com a minha vó ainda, estava fazendo uns 4 a 5 anos, depois se juntou com meu pai, foi um parangolé, né, aí eu ficava entre a casa da vó materna e vó paterna, e nessas estadias na casa da minha vó materna, os ensaios do Rabo de Vaca aconteciam no quintal, num quartinho, e eu ficava lá tentando participar de alguma forma, e eles me tiravam, esse menino está atrapalhando estamos ensaiando, eu ficava do lado de fora do quarto, eu pegava um galho de mangueira, lá tinha um pé de mangueira, dizia que estava tocando, e ele me conheceu, enfim, estavam lá tocando, e Ele, me conheceu, essa época a banda era: Josias Sobrinho, Beto Pereira, Ele (Zezé Alves), Manoel Pacifico, Erivaldo Gomes (finado), Jeca, então esses caras todos me conhecem, desde essa época, eles tem um carinho por mim, depois que virei músico, muito grande, e aí teve um hiato, dos meu 4 anos até os 20 anos, né, foi quando eu comecei a tocar flauta mesmo, a flauta

doce, eu comecei em 2000 e em 2001 eu comprei um fife, primeira flauta transversal da Yamaha, é um pífano de plástico, industrializado, que é uma flauta transversal, tem essa embocadura já livre, e ele me viu tocando essa flauta, num festival, Festival Joao do Vale, lá no Zanzibar, quem fazia era o Wilson Zara, quem fazia esse festival, senão me engano foi em 2001, eu acho que foi esse ano, eu tinha uma banda Mandando Vale, e a gente passou uma música para esse festival, ele me viu tocando e me reconheceu, né, não sei como, eu já tinha tocado violão com Josias Sobrinho, né, mas não sei como ele me reconheceu, de alguma forma alguém falou na plateia, senão me engano ele(Zezé Alves) era um dos jurados, entendeu, alguém deve ter falado na plateia, oh, não lembro se Josias Sobrinho estava lá, se Josias Sobrinho era jurado, alguma coisa assim, aí ele ficou louco, pirou “porra, eu te vi criança, como tu vais começar a tocar flauta e não me procura, está estudando já? Estuda na escola?” Não pessoal, que velho doido é esse, não sio se acalme, “com quem tu aprendestes?” Sozinho, eu sempre aprendi só, sozinho não, tenho disco, eu escuto, o disco está me ensinando, de alguma forma, o disco está me ensinando, é uma referência sonora, “não tu tens que ir para escola de música, estudar e tal” beleza, “vai ter um negócio aí, tu vais fazer a prova lá” aí acabou que nem eu tocava flauta nessa hora, era um pifizinho, eu fiz a prova e não passei, aí ele me ligou, nesse dia ele pegou meu telefone mesmo, “e ai rapaz, cadê? Como é teu nome?” Ai eu falei meu nome é esse, rapaz Zezé, acho que não passei não cara, muita gente, tal “porra nenhuma” era de manhã, “vai na Escola de Música do Estado do Maranhão as 14h, me espera lá porta, tu estudar, tem que estudar música” ele me colocou na marra, chegou lá onde Brandão, Roberto Brandão que era o Diretor, e ele falou, as pessoas hoje até riem, quando falo isso, “e ele é professor e não passou num teste da EMEM” sorrisos... não é todo mundo que passa, a demanda é muito grande, enfim, ainda bem que tive o tio/anjo Zezé, e ele chegou “esse aqui é sobrinho de Josias Sobrinho, tem que estudar, bota, bota, o nome dele, que ele já vai comigo, percepção 1” e assim foi, desse jeito que entrei na EMEM, então Zezé para mim sempre, desse esse dia que ele me viu tocando, ele tem uma relação muito grande com Josias Sobrinho e bonita, de parceria, de casa, de história, de vida, as coisas do rabo de vaca, de outras coisas que ele fizeram juntos, então essa consideração migrou para mim, no sentido de dizer, tenho que ajudar esse cara, ele é sobrinho de Josias, faz parte, então ele foi um paizão musical, ele e Josias, porque meu pai mesmo, quer nada com música, então eu fiz todas as percepções com Zezé, aí fui para São Paulo, logo que entrei na EMEM, eu

fiz um ano, na época era um ano e meio, só teoria, não pegava no instrumento, ai eu fiz seis meses, consegui comprar uma flauta transversal mesmo, ai ele deu as primeiras aulas, embocadura, embocadura não eu já tinha, posições de nota, meu deu uns métodos, Josias tinha um método de Celso..., me emprestou, ai eu passei dois anos em São Paulo 2003 a 2005, quando eu voltei, entrei na escola de novo, ai ele comecei... ele começou a me colocar nos grupos, né, ó toca ali com não sei quem, ó vai ali onde Chico Nô, tal, ai já foi me jogando devagarzinho, e eu com medo ainda de tocar... no bar e tal, mas as coisas que eu compunha, que eu fazia, não tocava/solava uma música inteira, logico que, em São Paulo mesmo fui aperfeiçoando, tive aula com Altamiro Carrilho, Paulo Moura, Hermeto Pascoal, assim oficinas, só uma manhã inteira com esses caras, então a minha percepção e a minha, a coisa aperfeiçoamento musical elas foram muito legais em São Paulo, de São Paulo, passei um ano aqui, logo fui pro Rio de Janeiro, fui estudar choro, já tocava alguns, uns 20 choro só, ai fui pro Rio de Janeiro, ai bicho pegou, quando eu voltei, não minto, quando voltei de São Paulo 2005, ele fez uma... eu já tocava alguns choros, uns 20 por ai, ele começou a me colar, ele (Zezé) teve fazer uma cirurgia, foram 3 pontes de safena, viaduto de safena, sorrisos...ele fez né, então nessa época 2005, ele me colocou em todos os trabalhos, ele não podia, então peguei todos os trabalhos, entendeu? Senão me engano, só não o Instrumental Pixinguinha, o Instrumental Pixinguinha ainda não, estava um tempo sem tocar, estava tocando só no dia de terça feira, lá no bar Por Acaso, acho que ficou sem Zezé, por um tempo, né! Eu não lembro quando tempo foi, ele me colocou no “Xaxados e Perdidos”, no “trio tonga” ele(Zezé), Chico nô e Lazico, “Cacuriá de Dona Teté” eu fiquei no lugar dele, é... ai do Cacuria de Dona Teté, em 2006, agente viajando o Brasil e tal, quando chegou ao Rio de Janeiro, fui a Escola de Choro, o Marcelo Bernardes me conseguiu, me viu tocando, disse: po tu tocas choro legal, tem que estudar com a gente, ai eu passei 08(oito) meses lá, no Rio de Janeiro, ai voltei, quando voltei, entrei pro Instrumental Pixinguinha, ele tinha voltado, mas disse que não estava conseguindo, 2007 entrei no Instrumental Pixinguinha, fazem 17 anos, e foi isso, e no decorrer de toda minha história musical, eu sempre pedi ajuda pra ele (Zezé), foi sempre meu professor, ai no final nós começamos a trocar os trabalhos, ai eu me formei também, acabei fazendo o mestrado, ai relação foi de colegagem, também de colega, empresta teu livro, mas sempre foi meu mestre, eu costumo falar da escola “Zezeniana” flautista, que ele ensinou justamente, que a gente tem que estudar sempre e não ter medo, bota no tambor de crioula, no bumba

meu boi, ele sempre incentivou o cara tocar, improvisa aí, rapaz não sei tocar, vai na escala de dó maior, te vira aí, ele fez essa escola Zeziana, eu tenho sorte de ser um dos pupilos, uns do pupilos que se deram melhor, todos os meus sonhos, estou conseguindo realizar, só falta o doutorado, eu peguei muito emprego por causa das reclamações dos contratantes, sobre o Zezé, e as pessoas começavam a me comparar “poxa tu teve aula com Zezé, hoje tu tocas mais que ele” rapaz não fala um negócio desse, eu sempre falo: não sou melhor que ninguém, eu sou o maior flautista de São Luís, 1,82m, sorrisos...

Carlos Reis: quais os estilos de música ele tocava?

João Neto: Ele tocava tudo, assim, ele gostava muito da música popular brasileira, samba, bossa nova, choro (gostava muito), mas assim tem a formação de flautista... ele me ensinou também que essa música de concerto, música de erudita, serve para umas coisas, não é uma escola para gente, isso eu tenho, muito, muito... não como um tópico, eu acho feio, nem acho bonito, exige muita técnica, exige estilo, mas não é uma coisa que faz sentido pra gente, entendeu! Tanto na EMEM, onde fui professor, quanto aqui na UEMA, eu sempre bato nessa tecla, olha cara a música erudita, a música europeia é importante, pra quem quer seguir o caminho e aqui não é lugar, tu vais tirar um concerto de Mozart, onde tu vais tocar isso? É difícil.

Carlos Reis: Ele tocava o que além da flauta?

João Neto: tocava violão, pandeiro, ele tocou um tempo clarinete, mas deixou logo, tem uma história: ele estava tocando na Fonte do Ribeirão, ele colocou a flauta e o clarinete em pé, aí tinha uma palmeira do lado, sorrisos... aí ele foi pegar o clarinete, aí puxou a palmeira e nada, sorrisos...

Carlos Reis: o que ficou faltando eu perguntar sobre o pesquisador, professor, compositor e músico Zezé Alves?

João Neto: uma das coisas sobre Zezé, mesmo ele sendo professor da EMEM, músico flautista, referência para todos que tocam esse instrumento, ele foi estudar, surgiu o curso superior de música, ele foi um dos primeiros a passar na primeira turma, sempre foi um pesquisador ardo, essa coisa dele de estudo, sem se preocupar com idade, para ter essa humildade, Josias Sobrinho fez também, Raimundo Luís, também, já eram grandes professores e artistas, e sentaram no banco, e escutaram o que professor, por a minha turma era: Eu, Joaquim Santos, Joao Soeiro, Thales do Vale, Raimundo Luís, Daniel Cavalcante (diretor da EMEM) ele fez o primeiro semestre depois foi para João Pessoa/Paraíba, Nilson Rufino, os caras entravam para dá aula de harmonia, para Joaquim Santos, se tremia todinho, eles eram grandes músicos, professores, quiseram estudar, então isso aí de Zezé e desses outros músicos, a gente tem isso aí, eu sou duas gerações após, sei lá, eles são grandes exemplos, eu também entrei na faculdade com 30 anos, já tocava com todo mundo, então não tem idade, isso foi um grande exemplo, melhor do que dizer o que tem que fazer, então essa parte aí não parou, ele (Zezé) continuou estudando, foi estudar edição musical, muito legal, inclusive o livro do Sergio Habibe, foi lançado ontem, edição dele (Zezé), nostalgia... ele só falava disso, ele estava fazendo um caderno... e deixou na minha mão para revisar, cancioneiro maranhense, de compositores como Raimundo Makarra, Lobato, esses caras do bumba meu boi, etc., ele me deu impresso, foi um dia de aniversário dele (Zezé) eu sempre ia visita-lo, e nesse dia ele pegou o caderno, tal, aí ele me deu a guitarra dele, aí ele pegou a flauta, “vou fazer as melodias, vê se está certo” aí percebi umas duas coisas, e disse: “faz o seguinte, pega revisa, aí a gente vai se falando” foi isso, não foi nada de formal, deve ter mais de 20 (vinte) músicas. Tem também músicas, de Coxinho (Bartolomeu dos Santos), Zezé com Omar Cutrim, Josias Sobrinho, Sergio Habibe, Ronald Pinheiro, tem a de Zezé com Paulinho Lopes, Campo Cidade, tem outras que não lembro os compositores.



Imagem 1: professor João Neto e Carlos Reis (foto do autor)

Paulinho Lopes

Carlos Reis: encontrei pouca coisa sobre o Zezé Alves na internet, o que tu terias que acrescentar, sobre filhos, esposa, netos?

Paulinho Lopes: Ele teve um casamento com Celina, realmente é a esposa, divorciou depois, e com ele, ela teve duas filhas Ana Cecília, Ana Beatriz, inclusive foi violinista da EMEM, tal, e depois divorciou, mas as meninas, foram estudar, formaram, tem uma neta, que ele gostava muito.

Carlos Reis: você é compositor, também, tu tens composições com o compositor Zezé Alves?

Paulinho Lopes: inclusive está no computador dele, estaria no “book” que ele ia lançar agora, que a gente não sabe como resgatar, as músicas são: “queimada”, “berro” que inclusive nós ganhamos uma classificação, a gente passou pela classificatória, e coloquei ele para gravar nesse festival de Imperatriz/MA, Zezé tu cantas, tens uma voz legal, ele: “a eu não vou de jeito nenhum” tu vais Zezé, nós não

tínhamos interprete, eu não tenho pique de gravar, ai chamei uma, duas pessoas andamos fazendo contato, mas não deu certo, Zezé tu vais, ai ele aceitou, “rapaz eu vou”, não é que ele fez um arranjo maravilhoso, com o finado Erivaldo Gomes, nós gravamos um clipe, Erivaldo fez a percussão num pote, ele mesmo fazendo arranjo com flauta e tal, ai o Jhonatan, que é o menino que opera la na EMEM, no estúdio e deu certo, por fomos classificados, ai ganhamos uma graninha, ficou todo feliz, ai “berro” depois que ele cantou no festival, que era um festival virtual, e veio..., esse festival participou várias pessoas, Josias Sobrinho, Joaozinho Ribeiro, ai tem “campo cidade” ai a gente nem fala logo, deixa por último, essa é o “carro chefe” da nossa parceria, ai eu coloquei uma poema, que nessa época eu viajava muito por causa de conflito agrário, eu era da assessoria de imprensa do Partido dos Trabalhadores, qualquer conflito, o pessoal dizia: manda Paulinho, ai lá ia eu e tal, eu vivenciei muito essa história, jagunçada, tocar fogo em casa, vê gente desesperada, no campo, ai eu cheguei e escrevi “campo cidade”, ai eu liguei pra ele, Zezé tenho uma poesia aqui que é maravilhosa, tu vais ter que musica lá, é mesmo, “tu estás onde”, estou aqui em casa, minha mãe tinha uma escolinha no “Vinhais” estou na escolinha, estou indo pra ir meu compadre, ai era um sábado, a gente foi prum barzinho, tomar uma cerveja, ai Zezé colocou no bolso, ai depois veio essa perola, Beto Pereira olhou e disse: “a vou gravar, colocar no meu primeiro disco, Maçaroca”, ai essa música foi um sucesso extraordinário, a gente escutava de madrugada pela rua, só tinha a Mirante FM, liga na Mirante, lá vinha Zezé tocando, ai teve essa “Campo Cidade” teve, que também foi gravada por Carlinhos Veloz no “Mario 8h30” que era um projeto gráfico de nosso amigo, esqueço o nome dele, oh, rapaz esqueço o nome dele, que é jornalista que fez o livro “Mario 8h30” é irmão de Pipoca, que também e jornalista, ai a gente fez mais... “Gritos” que é uma poesia linda, ele pediu para eu modificar, que estava muito agressiva, que depois que ele virou espirita, começou a ver Deus em todo lugar, outra vida, ai sim a gente ficou nessa, Zezé é muito linda, ele mandou pra mim musica toda arranjada, ele cantando, ai depois gravamos: Queimada, Campo Cidade, Berro, Apito do Navio, também que está dentro do computador dele, ele deixou muita coisa no computador, ele escreveu partitura delas todas e me deu, está la em casa, ai fizemos, rapaz fizemos outras, fizemos mais 10 ou 12 músicas, esqueci agora o nome das outras, ele adorava, “manda a letra, manda a letra”, ele ia la pra casa, ele me deu um violão, que o irmão dele trouxe pra ele dos Estados Unidos, ai ele me ligou “Paulinho

vem aqui na EMEM”, que eu também fui aluno da escola, “olha ai compadre, não estou bêbado”, e mesmo Zeze, ele me deu esse Yamaha, que é um relíquia.

Carlos Reis: tu conhecestes Zezé professor ou não, só Zezé músico?

Paulinho Lopes: não, conheci antes e depois, sou produtor cultural, eu fazia muita produção, eu produzi: Giordano Mochel, trabalhei em produção de Sergio Habibe, Geraldo Azevedo, Rabo de Vaca, quando eu conheci mais Zezé afundo, agente se aproximou mais, o ensaio do Rabo de Vaca, era na rua da misericórdia, São Luís, na casa de Omar Cutrim, o Rabo de Vaca ensaiava ali, com uma caixinha gianninni, o Rabo de Vaca foi uma banda extraordinária, era: Manoel Pacifico, Ronald Pinheiro, Omar Cutrim, Josias Sobrinho, Jeca, Mauro Travincas e Zezé.

Zeze tinha uma história de tocar com todo mundo, não tinha flautista na cidade, todo mundo que ia fazer espetáculo, chama Zeze, então a gente começou nessa história de produção, fiz a produção do “Vida Bagaça”, “Nesse Mato tem Cachorro” que era com o Rabo de Vaca, era: Lili, Eu, Madson, já falecido, Lili também já faleceu, pessoal até brinca comigo que eu sou “herói da resistência”, então eu conheci Zeze nessa loucura, nesse corre ganhando pouco, ganhando “cachê” de R\$ 50,00, de R\$ 100,00 e tal, mas todo mundo chamava Zeze, ai Zeze teve uma época que não queria mais morar com a mãe dele lá Cohab que é muito longe, eu disse: Zeze vem morar comigo, ai Zeze foi, em um pensionato que eu tinha um quarto, ele veio morar comigo, ficamos uns dois anos juntos, morando junto, viajamos juntos, então a gente teve uma convivência muito próxima, a gente se conhecia muito, se zangar todo mundo se zanga, mas ele era um grande cara.

Carlos Reis: o que tu indicarias de livros, artigos, sobre Zeze?

Paulinho Lopes: Eu fiz um espetáculo Bicho da Ilha no Teatro Artur Azevedo, foi lotado, foram dois dias, que eram vários compositores, tinha gente do Anjo da Guarda, do Vinhais (Joaozinho Ribeiro), Josias Sobrinho participou, mas tinha muita gente nova que eu chamei e eu tenho a ter uma matéria sobre o Bicho da Ilha, que se eu puder eu te mando matéria, que Zeze participou junto com um grupo, ele é autor de chorinho que ele fez para Josias Sobrinho, “Candiru”, uma coisa que indica tem um mateira sobre Zeze é difícil. Ele merecia, é uma referência musical, agora está

começando algo, pelos seus trabalhos em partituras, mesmo assim “nego” quer escorregar, eu chego lá, o Zezé, o maestro Zezé participou escrevendo partitura desse “book”, se a gente não correr com isso, o dinheiro parece que já estava à disposição, o dinheiro volta, aí a gente tem que abrir o computador de Zezé para saber em que pé tava, aí liguei para Joaozinho Ribeiro ver isso, mas Joaozinho Ribeiro já deve ter falado com Josias Sobrinho, que é padrinho de uma das filhas de Zezé, deve tá organizando, aí ele falou com Junior que era no IEST, Junior Aziz estava na frente disso também e “falou não a gente está vendo lá com o secretário, para ver como é que a gente faz”, se ficar no “banho maria”, fica esquecido, pra mim vai ser a maior homenagem, ele ia chegar em casa todo animado “compade é música maranhense” Paulinho escreve uns textos nossa música tal, isso era o trabalho da vida dele, ele já tinha de feito caderno da coreografia do Maranhão, “Choros Maranhenses”. Zezé dirigiu “Lamento do Rio” uma música muito bonita, minha, que foi gravada por Didã, foi campeã do carnaval do “La boêmios de Fatima” que ficou no primeiro lugar, que pulou do grupo B para o grupo A, e ficou uma festa bonita, a Didã pediu para gravar aí Zezé pediu para fazer o arranjo, ela está no youtube, só procurar que tu ver.

Carlos Reis: tu terias algo mais a acrescentar sobre Zezé Alves?

Paulinho Lopes: Zezé não teve o reconhecimento merecido, incentivou várias pessoas, deu aula para muita gente, muita gente passou pela mão dele. Conversando com pessoas inclusive do coletivo nós: “rapaz Zezé foi meu professor, era cara muito legal” então eu estou colocando esse abaixo assinado em todo canto. Duas músicas que me lembrei, “Veredas” que já foi gravado pelo meu irmão, junto com ele Chiquinho França, meu irmão Tácito Garros, tem “Todos os santos” que Zeca Baleiro até cantou um tempo essa música. Zezé trabalhou na formação de muita gente.

Paulinho Santos

Carlos Reis: tenho procurado algo sobre Zezé na internet, mas sem êxito, o que poderia me falar sobre Zezé: músico, pesquisador, professor, etc.?

Paulinho Santos: foi um professor, foi professor meu, foi o primeiro professor de flauta transversal da EMEM, iniciei meus estudos com Zezé, entre os anos 1980 e 1990, quando eu o conheci na EMEM, tendo em vista que Zezé nós nos conhecíamos antes da EMEM, eu nem pensava em estudar música, conheci Zezé na Madre Deus, no final da década de 1970, quando eu era adolescente e Zezé frequentava o bairro e levava a turma dele, o pessoal do Rabo de Vaca, eu nasci e me criei na Madre Deus, eles iam pro largo Demerval Rocha, eles chegavam lá Zezé, Josias, Makarra, Wellington que fazia parte, Madre Deus bairro de muito movimento musical, quando criança em casa dormindo eu acordava com aquele som daquela flauta, violão, batucada na madrugada, naquele período a cidade era mais acolhedora sem ter muito barulho e de casa eu ficava ouvindo, as vezes quando eles se encontrava naquelas noitadas de muita bebida, eu ouvia o som daquela flauta maravilhosa em casa, e nesse período eu vi a conhecer Zezé, ele andava nas quitandas e depois fui me envolver com música, quando eu entrei pra Escola Técnica, que fiz um curso com maestro Nonato, aí eu comecei a estudar flauta doce, antes da EMEM, mas já conhecia o Zezé e nada década de 1980 eu entrei para EMEM, através do mimico Gilson Cesar, que ele me apresentou o professor Raimundo Luís e nesse período eu entrei na EMEM, para estudar flauta doce e conversando com Zezé e tal, ele foi morar na rua de São Pantaleão, ele morava numa casa que era tipo uma república, tinha um grupo de amigos, aí a gente frequentava lá, tomávamos um biritinha, sabia que Zezé era músico, ele não estava frequentando a EMEM tinha se afastado, e foi nesse período que entrei na EMEM para estudar flauta doce iniciei com o professor Vanilson Lima, mora em Brasília, flautista transversa e doce, mas ele ficou pouco tempo, aí fiquei com a professora Liziane, mas tarde um pouco Zezé voltou para a EMEM, retomar os estudos, Zezé é da turma de Josias, Teixeira, Ubiratan, fizeram escola de música nesse período na década de 1970, João Pedro, Sergio Habibe que foi professor de Zezé, aí Padilha nos chamou para monitoria, eu já fazia parte da monitoria de flauta doce, aí Zezé voltou a se enturmar com o pessoal da EMEM, aí nós começamos a nos relacionar mais fielmente na música, eu já tinha uma certa habilidade com a flauta doce, aí comecei a praticar flauta transversal com ele, Zezé foi um “pai musical” posso dizer, porque foi um “cabra” que a gente se afinou tanto, a gente sai, curtia, se divertia, foi um professor... mas como João Neto fala a escola “Zezeniana de flauta”, a escola de Zezé... ele não foi um cara com a didática de uma escola regular, era uma escola simples, quando comecei a estudar com ele, começamos com o método de Celso

Woltzenlogel, “por vamos pegar música de um filme” já começou a me ensinar... que eu tocasse choro, eu sei habilidade, ele muito agitado, muito apressado, como ele era sempre e foi aí o nosso princípio, tendo em vista que foi o primeiro aluno da EMEM a estudar flauta transversal, a estudar com ele, e hoje estou aqui na cadeira de flauta transversal, sendo mesmo professor matriculado na aula de flauta doce, mas estou aqui também auxiliando os alunos de flauta transversal, deixei de lecionar flauta doce, quem está lecionando são e- alunos meu, que estudaram comigo, eu estou aqui junto com uma ex-aluna que já formou, nós estamos trabalhando junto com a professora Francilourdes estamos aqui, então Zezé foi isso.. uma relação diferente de professor nós éramos uma amizade, irmandade, na época a sociedade não era tão violenta, conversamos muito, frequentei muito a casa dele, ele frequentou muito minha casa, conheceu minha família, a nossa relação foi de muita felicidade, ter conhecido, ter aprendido com ele, ter bebido na fonte, me ensinou muita coisa, não só na parte musical, mas a convivência com o mundo, como saber me relacionar com as pessoas, ele era um cara muito conselheiro, ele tinha muito... amor sempre sobre minha pessoa, eu fui pra Zezé mais que um aluno, era um aluno e amigo, ele sempre me aconselhando, sempre me dando força, hoje está fazendo falta, não só a mim, mas a todos. Quando foi fundado o Instrumental Pixinguinha, eu comecei a tocar, Zezé fazia parte da EMEM, mas não fazia parte dessa primeira formação, e eu comecei com o grupo e ele me dando maior força, “não Paulinho, vai lá” foi importante pela minha passagem pelo choro.

Carlos Reis: qual a primeira formação do Instrumental Pixinguinha?

Paulinho Santos: Francisco Solano (violão 7 cordas), Cesar Jansen (bandolim) Marcelo (seis cordas), Quirino (cavaquinho), Carbrasa (pandeiro), Biné do cavaco tocou com a gente e foi isso, depois quando terminou a primeira formação, Zezé me dando a maior força para tocar com essa rapaziada, assim foi meu primeiro “teste de fogo” tocando choro, depois ele ficou no meu lugar no grupo, nessa safra já vieram outros, como o professor João Neto, etc.

Carlos Reis: Zezé tocava outro instrumento, além da flauta?

Paulinho Santos: ele tocava o violão, mas o básico, para fazer as composições.

Carlos Reis: e o Zezé pesquisador?

Paulinho Santos: esse período que ele esteve fora da EMEM, ele se afastou total da música formal, quando ele voltou para a EMEM, ele também começou a dar aula de teoria, que não tinha sido da primeira vez, nesse período ele começou a sentir gosto pelo processo de estudar, de pesquisar, de ler cabeça de nota, antes ele tinha dificuldade, nesse período ele começou a fazer esse trabalhos, nesse período foi a época da escrita do livro do choro, “não vou começar” ele era muito culto, gostava muito de ler, ele era hiperativo, aí foi que ele entrou de cabeça na pesquisa, ele escreveu o “Choros Maranhenses” o outro trabalho foi o da Dilú Melo que ele escreveu, estava sabendo ele estava com o trabalho do “songbook de Sergio Habibe”, eu sei também que tinha outro de músicas maranhenses e depois que ele aposentou, ele se dedicou mais a esse trabalho de escrita, pesquisa, ele estava com uma série de projetos. Ele tocou com todo mundo. “ele foi um flautista da rua” lembro quando ele perdeu a flauta, estava com uns amigos, aí dormiram na rua e perderam a flauta, depois de um tempo a flauta apareceu no Convento das Mercês, quando eu estava dando aula, teve um ex aluno de flauta tinha encontrado, ele era filho de um carroceiro, eles trabalhando quando passaram no bairro Bequimão, num lixão, o menino achou a caixa, batendo na sarjeta, para saber o que tinha dentro, mas não conseguiu, quando no dia seguinte Zezé me liga, “Paulinho perdi minha flauta lá num comercio, vamos lá” lá vai eu e Zezé nesse comercio e perguntou, o dono falou “você sai daqui e sentou ali para pegar ônibus” aí depois de alguns anos dando aula no Convento das Mercês, esse rapaz nunca me falou nada, meu aluno, aí o aluno disse ao Professor/Diretor da escola Tomas de Aquino que ele tinha um instrumento, mas nunca tinha falado pra gente, aí o professor Tomas disse: “Paulinho, rapaz, encontramos a flauta de Zezé, não é que o “fulano de tal” teu aluno, estava com o instrumento e nunca nos falou”. Esse instrumento ficou desaparecido muito tempo, todos nós imaginávamos que ele nem tivesse mais em São Luís, aí Zezé foi ao encontro do aluno, eu contei a situação do aluno para Zezé, “Paulinho o que vamos fazer” e Zezé falou “vou dá essa flauta pra ele”, além de tudo era uma pessoa muito generosa, coração bom. Depois a flauta chegou até mim, o aluno deixou o projeto e me vendeu, mas eu vendi para um ex aluno meu Cleiston, ele é bombeiro hoje.



Imagem 2: professor Paulinho Santos e Carlos Reis (foto do autor)

Josias Sobrinho

Carlos Reis: procurei algo sobre Zezé Alves na internet e encontrei muito pouco, vida pessoal, profissional, poderia nos acrescentar algo?

Josias Sobrinho: Zezé é quase irmão meu, quando o conheci ele estava começando a tocar flauta doce, ele era uma figura que andava pela cidade, muito à vontade, e era o espírito dele, é aquela coisa muito espontânea e bem peculiar, era ele mesmo, espontaneidade, dimensão, sempre foi assim, e ele conhecia já, já tinha um certo relacionamento com Sergio Habibe, que é um dos ídolos dele, era ali da rua de Santaninha por ali andando com as turmas, ele era próximo de Kit, cunhado de Sergio Habibe, casou com a irmã de Sergio e tal, então eles tinham uma turminha mais

próxima, por isso ele conhecia Sergio, ele começou a tocar flauta influenciado por Sergio Habibe, Sergio tinha ido pro Rio, fazer uma Proarte fez um curso de flauta transversa no Proarte, lá no Rio e quando voltou foi exatamente no ano da criação da EMEM, que se instalou no Apeadouro, inclusive eu fui para Escola nesse momento, a EMEM acabara de ser criada por um cara que era padrinho de Sergio, Zé Martins, que era um tenor, que foi Secretário de Cultura, presidente da Fundação de Cultura que era do Estado na época, então foi ele que incentivou a criação da EMEM, porque já tinha experiência de outros momentos, de sucessões cultura raiz, de outras escolas, ai ele se empenhou muito nisso, criou essa Escola, ai a gente foi pra lá, foi na época que estávamos no Laborarte, era membro do Laborarte, ele também era, conhecido, ai ele foi pro Rio, depois na volta a gente foi pra lá, pra EMEM, ai nessa mesma época Zezé se aproxima, eu lembro de o disco “Bandeira de Aço” tinha sido gravado, e um dia encontrei com ele em frente ao Roxy, porque Zezé morava ali na rua do Egito, Zezé foi criado por numa família Sampaio, que tinha um Supermercado Sampaio, que era na rua Afonso Pena, ali perto do Jornal Pequeno, ele vivia pro ali, mas eles moravam na rua do Egito, lembro que estava chegando em casa, eu estava por ali, ai ele me viu e reconheceu, opa cara como é que tá?, não sei que, ai ele acabou indo lá em casa, ele estava com a flauta doce e eu tocava flauta doce na EMEM, era aluno de Clemens, já tinha um quinteto de flautas, tinha eu, Gisele Borges (irmã de João Pedro Borges), Cristiano (irmão de Ronaldo Mota), sei que nós éramos cinco, ai então ele foi lá em casa para trocarmos umas figurinhas de flauta, flauta doce/flauta doce, ai a gente começou, foi o primeiro contato mais próximo, mais ou menos na mesma época, estava a montagem de Saltimbanco, estava sendo ensaiada, estava se preparando o espetáculo, eu tinha sido convidado por Aldo, pra tomar conta da parte musical, pra regimentar músicos, ele queria que tivesse músicos no palco tocando pra acompanhar a peça, que era a adaptação do Chico Buarque, canções todas, ai eu fui para coordenar isso, já tinha um músicos que ele tinha contatado, que era o pessoal do grupo de samba que fazia samba na época, que tinha Beto Pereira, Manoel Pacifico, tinha Jeca, tinha Tião Carvalho, ai encontrei com essa turma lá, primeiro encontro do ensaio, foi ai que a gente se conheceu, ai começou a ensaiar, com essa aproximação de Zezé comigo, eu convidei ele, se ele não queria fazer parte do grupo, pra tocar também, ele já estava com a transversa, Zezé pegou a transversa do dia pra noite, começou a tocar tudo, só tinha ele, começou a tocar a se enforçar, não tinha hora pra ele, tudo ele queria tocar, ai ele foi pro grupo que apoiou a peça

Saltimbancos, depois colocamos o nome do grupo de Rabo de Vaca, então ele é um dos fundadores do grupo Rabo de Vaca, junto comigo, Manoel Pacifico, Beto Pereira, Vitorio Marinho, que era um cego que tocava violino, tocava no rádio, acompanhava artista no rádio, ele tinha mais experiência que a gente, era mais velho, foi praticamente mentor musical, que todos nós estávamos começando, eu já era compositor, Bandeira de Aço estava sendo produzido, o Rabo de Vaca começa a tocar em 1977, ano que Bandeira de Aço, está sendo gravado, saiu em 1978, mas foi gravado em 1977, e aí a gente começou a tocar aquelas coisas do Saltimbancos acompanhando, o espetáculo teve uma vida longa, foi um dos grandes espetáculos de temporada, que teve mais vida longa no estado, a gente viajou para outros estados, participamos de festival na Paraíba, Zezé sempre junto, ali tocando tudo, a gente ficou muito próximo, porque também, nós éramos solidários da boemia, risos. , quando o Rabo de Vaca começou a tocar como grupo independente, que saiu do teatro, ou peça, para fazer um trabalho de música, foi uma coisa que eu defendi, “gente o espetáculo vai acabar, a gente vai parar, vamos tocar” eu já tinha um repertório do Bandeira de Aço que estava pronto, existia, nos ensaios do Saltimbancos, depois que parava o ensaio ou antes de começar, eu mostrava as músicas pra eles, a gente estava começando, a ideia é tudo, aos poucos fomos preparando arranjo para essas músicas, chegou uma hora no espetáculo que a gente tinha uma entrada já com o nome do grupo, dentro do espetáculo a gente fazia três ou quatro músicas, desse repertório, foi uma coisa construída paulatinamente, dentro do tempo da gente, da idade, da gente, muito compartilhado, a gente foi pra rua tocar com esse espírito de cooperativa, tudo que a gente ganhava, a gente dividia, comprava equipamentos, microfones, instrumentos, isso durou cinco anos, então a gente estava muito perto, eu sou “compade” dele, padrinho da filha dele, da filha mais velha, Ana Cecilia, e a gente foi muito boêmio, fazíamos farra direto, passar dias, de sair de lugar para o outro, com violão sem violão, eu tinha uma Brasília amarela (veículo), nós aprontamos muito, rodava a cidade toda.. Começamos a ensaiar na casa de Manoel, que era na rua dos Afogados, ele e Beto moravam próximo, eles eram vizinhos do Gilberto “banda Peso”, depois a gente se mudou para a rua da Misericórdia, na casa de Omar Cutrim, que tocou na peça Saltimbancos também, então a gente sai muito, ele tocou muito comigo, tudo que eu fazia. Eu comecei a tocar na noite, quando os meninos nasceram, Cassiano primeiro, eu sou servidor público, já tinha o emprego no estado e recebia o salário mínimo, eu tinha uma livraria, que não era um bom negócio, era na rua do Sol,

chamada “Espaço Aberto” aí para complementar a renda foi tocar na noite, tinha um boteco na avenida Daniel de La Touche, comecei a tocar lá, tocava toda semana, dois ou três dias, também toquei na praia, passei a tocar mais de cinco anos na noite, voz e violão, as vezes percussão, Erivaldo, Jeca tocou muito comigo, tocava percussão, toquei no “Donatos”, hoje é “Torre do Sol”, tocava no “Chaplin” que é esse boteco na Daniel de La Touche, onde Zeca Baleiro foi um dos cara que começou a tocar ali também, toquei na Praia Grande, Beto tinha um bar no São Francisco, onde lancei meu primeiro disco “Engenho de Flores”, eu passei um tempão tocando na noite e Zezé me acompanhava sempre, depois que terminávamos de tocar a gente cai no mundo, risos...

Carlos Reis: estilos de música que Zezé tocava?

Josias Sobrinho: O Rabo de Vaca começou com uma pegada muito própria, o que era um trabalho autoral, coisa que você não tinha em São Luís, mais aliado a isso por influência de Vitorio Marinho (cego) a gente tinha umas coisas de choro, alguns clássicos do choro, Beto tocava cavaquinho era (Beto do Cavaco) solava choro, ele com Mauro Travincas que tocava violão de 6 cordas com função de 7 cordas tocava baixarias, a primeira percussão foi um pandeiro, tinha bastante percussão, então a gente trabalhava com músicas maranhenses, com ritmos do Maranhão, bumba meu boi, tambor de mina, divino, choro, samba, todo esse cancionero, foi muito ligado ao que temos até hoje, samba e tudo mais, e Zezé sempre tocou isso, Zezé tocou muito pouco flauta erudita, o forte dele era o popular, uma paixão muito grande por Sivuca, tem choro dedicado a Sivuca, homenagem a Sivuca, um choro bonito que só, tem um choro que ele dedicou a mim “Candiru” dele e de Omar, é um baião, o grupo Rabo de Vaca, se espelhava um pouquinho no perfil do “Quinteto Violado” onde tinha cordas, percussão e flauta, os cantores eram: Eu, Beto, Omar, Tião, Angela Gular, Lenita chegou a cantar numa apresentação no Teatro e o repertorio de Zezé era esse popular, apaixonado, mas ele gostava muito de rock porque na banda do Jethro Tull, tinha um flautista, a maior influência dele, na juventude ele, ele escutou e aquilo ficou com ele.

Carlos Reis: ele tocava outros instrumentos, além da flauta?

Josias Sobrinho: Ele tocava violão, um pouquinho, compunha com o violão, harmonia e tudo, do jeito muito próprio, a composição de Zezé é muito a cara dele, ve “Campo Cidade” que é uma parceria com Paulinho Lopes. Eu, Ele, Paulinho, Joaozinho Ribeiro a gente se juntava muito para essas farras.

Carlos Reis: a dimensão de Zezé para a música brasileira/maranhense?

Josias Sobrinho: Zezé realmente é um caso a ser estudado, Zezé dá uma monografia inteira, um cara que tinha pouca expressão quanto a cidadão, pessoa, porque era um cara que não dava muita bola pra ele, na turma de jovens, ele era um cara exótico, engraçado e tal, que a turma curtiu com ele, até tinha uma... até por conta dessa origem de ter sido criado de uma família rica, de posse e tal, família adotiva, mas ele tinha muito respeito por eles, muita consideração, inclusive na missa de sétimo dia um dos filhos do Sampaio estava lá, ele dá uma monografia, ele vem de alguém na sociedade... ele era quase “invisível” e chega a ser um dos músicos mais importantes do Maranhão, que não foi só um instrumentista, mas um educador por excelência, também de um jeito muito particular, muito próprio, ele adotava as pessoas, pra dá para elas um sentido musical, ele fazia isso com uma entrega, uma generosidade, tudo mundo natural e maravilhosa, a amizade de Zezé era coisa que não deixava dúvidas sabe e que não tinha amaras, ele se entregava para os amigos, qualquer lugar que ele chegava... assim, a gente morou junto um tempo, quando eu me casei com Lenita, quando a gente resolveu morar juntos, a gente era namorados e tal, vamos procurar nossa canto, eu aluguei um imóvel na Liberdade, casa de dois pavimentos, uma casa bem simples, rustica, o fundo era pra palafita, pro mangue, minha vizinhança era tudo da palafita, na rua Augusto de Lima, descendo... Zezé que não tinha onde morar, foi morar com a gente, Eu e Lenita, na verdade era uma casa dívida no meio, a proprietária morava ao lado e a gente no outro de dois pavimentos, ele foi morar no pavimento em baixo, a gente morava em cima, ele ficou com a gente lá, uns meses, não demorou muito tempo também, pra ter uma ideia como éramos muito próximos, a gente estava muito ligado, igual irmãos, então ele morou um tempo comigo, e ele por ser amigo, era o “dono da casa, também” ele ia na geladeira, tomava suco, na maior normalidade, propriedade privada pra ele, não fazia parte do universo dele, de alguma forma, ele era um comunista, nesse sentido, tudo é de todo mundo, então assim, eu tenho muita saudade dele, tem uma pena do modo como ele faleceu,

um cara que tinha relacionamentos com todos tipos na sociedade, ele conhecia gente de tudo quanto era canto, não tinha problema de convivência com ninguém, morreu sozinho no apartamento, sem socorro... Zezé tem histórias hilárias...tem uma história que ele estava tocando com o Instrumental Pixinguinha numa casa no Renascença e o Zé Reinaldo era governador do Estado, Zé Reinaldo é contemporâneo de João Pedro Borges de Liceu e tal, quando ele assumiu o governo, João Pedro era presidente do clube do choro e com essa proximidade, resolveu conversar com ele, de com comum acordo com o pessoal do clube do choro, a tentativa de pleitear a sede do clube do choro MA, ai foram conversar com ele, ele disse: “beleza, inclusive encontrou um prédio ao lado do Edifício João Goulart, ia entrar em reforma, que tal esse aqui?” Poxa beleza, todos ficaram encantados com a ideia, o clube do choro ficou entusiasmado, só que começou a passar tempo e nada, ai um dia o Instrumental Pixinguinha está tocando, nessa festa de aniversário no Renascença, Zezé já tinha tomado umas, já não estava mais amaras, já estava no automático, sorrisos... quando lá vem Zé Reinaldo entrando com comitiva e tudo e ele estava tocando bem na frente, quando Zé Reinaldo passa na frente dele “eh, sacana, cadê o clube do choro que tu prometeu” muitos risos...ai a turma senta ai... risos....quando estávamos nas farras, eu começava a implicar com ele, ele pegava corda muito rápido, “poxa Zezé tu já vem com esse negócio, já está bêbado e tal” só de sacanagem para tirar sarro com ele. Uma vez estávamos nós dois, na Brasília (carro), eu lembro que tínhamos amanhecido, na Avenida São Luís Rei de França depois do retorno da Cohab, não sei de onde víamos, já estava de manhã, resolveu descer a São Luís Rei de França, não sei se para a praia ou outro lugar, quando chegou uns quinhentos metros, onde é hoje o Shopping Rio Anil, eu dirigindo e ele do lado, ele dizia que era o copiloto, eu comecei a pegar no pé dele, poxa Zezé não sei que e tudo e ele ficando “puto” “meu compadre não faça isso comigo, vou brigar com o senhor” quer brigar comigo Zezé, “quero, vamos brigar” vou parar o carro aqui, ai eu descido pro lado e ele desceu pelo outro, ai quando chegamos na frente do carro, eu peguei e tirei óculos dele, ai ele ficou “cego”, ai ele disse “porra assim não dá”, ai voltamos pro carro e fomos embora.

Carlos Reis: Josias o que tu achas que faltou para falarmos de Zezé?

Josias Sobrinho: silencio... Zezé fez várias pesquisas, ele é pioneiro no “songbook” na cidade, primeiro “songbook” que ele trabalhou foi de Dilú Melo, ele fez, ai ele foi

consolidando isso com os próprios recursos dele, ele conseguia fazer os projetos dele, no final do tempo com a própria aposentadoria dele, ele conseguia imprimir as coisas dele, fez o caderno de choro, estava fazendo um livro de partituras com sessenta músicas de músicos populares maranhenses, que ficaram, ele escreveu esse livro, escreveu muita coisa minha, nesse livro tem umas dez músicas minhas, eu acho, ele tinha um cuidado muito grande com a fidelidade dessas obras, ele me trazia para fazer revisão, para corrigir as harmonias, para fazer na original, ele também começou... esse livro de partitura é um projeto que está na lei de incentivo, até hoje não tem certificado, a lei de incentivo está uma vergonha, o governo do estado se apropriou para fazer só as coisas do governo, isso tudo só faz com a assinatura do governador, o governador ou do preposto dele, não é exatamente dele é do preposto dele, livro está prontinho está só esperando a oportunidade para ser publicado, inclusive o Aziz Jr., que estava com ele de parceiro dele nessa parte, que apresentou o projeto no instituto que eles tem IEST, ele me disse que o material está todo no computador de Zezé, ele pediu pra eu ver com Ana Cecilia para gente correr atrás, por que tem outro projeto que é o songbook de Sergio Habibe foi lançado um volume com vinte música, são três volumes, são sessenta músicas, que ele escreveu as partituras, esse projeto nasceu da ideia dele, como eu te disse que ele era fã incondicional de Sergio Habibe, ele chamava Sergio Habibe de “minha rosa” e ele começou a escrever esses trabalhos por conta própria, comprou computador, ele comprou assinatura do “finale”, para escrever isso, ele é o cara que mais entendia de finale aqui era ele, emissão de partitura, dava aula disso, me ajudava muito, ele começou esse projeto de Sergio Habibe, depois veio o de Celso Borges que tinha um trabalho de registros de canções que falava de São Luís, é um livro que ficou inacabado, Celso Borges também faleceu, um pouco antes de Zezé, e eles começaram a trabalhar juntos nesse do Sergio Habibe, junto com Luís Jr., gravava umas coisas no estúdio de Luís Jr., com a participação de Zeca Baleiro, dando apoio e tudo, que hoje, depois de Celso Borges e Zezé se foram, Zeca Baleiro que assumiu o projeto e como foi finalizado a terça parte do projeto, é uma pessoa de muito projeto Zezé, tem um trabalho de conclusão de curso dele, que é sobre a produção musical dos anos 1970 no Maranhão, ali tem tudo que aconteceu nos anos 1970 é dos pioneiros, Zezé fez o curso de Licenciatura em Música na UEMA, se formou, depois foi professor substituto, depois se efetivou como professor da EMEM, ele foi da primeira turma do curso na UEMA, ele foi um dos caras que me apoiou quando resolvi fazer o curso de música, na época a diretora do

curso era Goreth, com que ele estava casado, e ai ele tem esses projetos todos, inclusive tem um material que eu passei pra ele quando eu mudei para o condomínio, a minha biblioteca de música tive que desfazer de boa parte das coisas e ai eu entreguei pra ele uma series de livros, que agora a Ana Cecilia, está me devolvendo, esses livros, e ai uma parte desse material, eu quero doar para escola de música do município – EMMUS, principalmente se ela tiver o nome dele, no dia que ela receber o nome dele oficialmente, eu entrego, são livros de pesquisas, de música popular, a biblioteca dele toda está com Ana Cecilia, inclusive ela quer dá uma finalidade pra ela, ela quer doar tudo para escola de música do município. A importância de Zezé a gente mede também pela repercussão que teve a sua morte, a quantidade de homenagens, que foi de vários setores, então é um cara que fez história, a música do Maranhão deve muito a ele, como ele estudou, ele formou muitos músicos flautistas, se espelharam nele e tem paixão por flauta por causa dele, mais uma história, ele foi fazer um espetáculo com Ivandro Coelho, Ivandro convidou ele pra tocar, ele tocou muito com Ivandro, Ivandro também era dessa mesma turma que se divertia tocando e tal, em Chapadinha, Ivandro é de lá, Ivandro arrumou um espetáculo por la, Zezé e mais uns quatro, uma banda, Antonio Paiva..., então a apresentação era em cima da carroceria de um caminhão, e o caso se deu pelo seguinte: so tinha um pedestal e um microfone, tinha um cantor que era Ivandro e tinha o flautista que era Zezé, então Ivandro cantava e passa a bola pra Zezé fazer solar, fazer introduções e tudo, a certa altura da apresentação, Zezé já turbinado Ivandro também, Ivandro se empolgou cantando direto, ai Zezé encostou nele “sai prá agora e minha vez” muitos risos...outra, o Rabo de Vaca foi tocar na “Fonte do Ribeirão” acho que foi o segundo ou terceiro espetáculo da banda, eles estavam inaugurando uma reforma da Fonte, estava tudo arrumadinho, isso foi entre 1980 e 1981, o palco estava olhando para as “carrancas” platô superior, um pouco abaixo do nível da rua, ali tem umas palmeiras, eles tinham acaba de plantar duas palmeiras pequenas, Zezé estava tocando flauta e pegando clarinete, ele estava tocando flauta e o clarinete ele colocou no pezinho ao lado de uma palmeira, tocando, tocando, ai a turma vai Zezé, ai em vez de pegar o clarinete, pegou a palmeira, muitos risos...



Imagem 3: compositor Josias Sobrinho e Carlos Reis (foto do autor)

ANEXO

Partituras de Zezé Alves

CANDIRÚ

*Zezé Alves e
Omar Cutrim*

♩ = 92

Chords: F, C7, F, C7, F, C7, B♭, G#dim, A7, Dm7, G#dim, Bdim, C7, C7, F, C7, F, C7, B♭, G#dim, A7, D7, G7, C7, C#dim, Ddim, A7, Dm, B♭dim, A7, Dm.

CANDIRÚ

33 Gm C7 F Gm C7 F

37 Gm C7 F F C7

41 F C7 F C7

45 Bb A7 D.S. al Coda

47 F C7 F IMPROVISO (8 X)

Fonte: Choros Maranhenses 2012

Zezé Alves é autor de chorinho que ele fez para o amigo Josias Sobrinho,

Show "Bichos da Ilha" foi um sucesso

Terminou domingo a temporada de dois dias de show "Bichos da Ilha", produção de Paulinho Lopes, apresentando vários artistas maranhenses, — cantores, músicos, poetas e artistas plásticos — no Teatro Arthur Azevedo.

"Bichos da Ilha" foi uma produção independente, de iniciativa dos próprios participantes, que marcaram assim uma nova posição entre o movimento de arte em São Luís: não esperar que os órgãos governamentais resolvessem acordar e apoiar os novos valores culturais, mas "batalhar" o próprio trabalho.

CONTRA A ALIENAÇÃO

Na abertura do show, Paulinho Lopes — poeta e produtor — leu um manifesto, assinado pelos "Bichos", no qual os quase trinta participantes, discutem a função da arte nos dias de hoje:

— "Não foi à toa que o grande dramaturgo, literato e poeta revolucionário alemão, Bertold Brecht, anunciou, em um dos seus profundos estudos

acerca da função da arte, que esta não teria como objetivo apenas o divertimento, mas acima de tudo, seu sentido principal residiria na sua capacidade de fazer os homens pensarem. Foi sobre tudo por sua consciência de "ser" político, pela sua vontade de fazer a história e avançar no rumo do futuro grandioso da paz", diz o texto.

Os 30 participantes assumem então a perspectiva de uma arte participativa na luta pela liberdade:

— "Somos os Bichos da Ilha. Nos colocamos à serviço da luta, a favor do homem livre, que traça o seu próprio destino, caminhando de cabeça erguida. Em virtude disso, somos os marginais. A nossa arte é motivo de desprezo, insultos e, não poucas vezes, é reprimida. Não nos permitem fundi-la. Os canais se fecham para nós. E só com muita firmeza, disposição e o apoio, às vezes intuitivo do povo, podemos chegar a elaborar um trabalho artístico.

O show "Bichos da Ilha" será apresentado brevemente no Campus da UFMA.



BILHETE DO TEMPO (Baião)

Zezé Alves e Paulinho Lopes

♩ = ♪ = 80

3
A Dm7 Am7 Bb7M G7 Dm7
Eu bo - tel no po - e - ma Tu - do que fi - cou pra trás

6 Dm7 Am7 Bb7M C Dm7
Na po - el - ra da pe - na No tin - tel - ro do calis

11 Dm7 Am7 G7 Dm7
Na tor - men - ta da vi - da A ve - la se, a - briu No em - ba - lo do

16 Bb C Dm7 B Dm Dm/C
ven - to O tem - po par - tiu Na es - pe - ran - ça do so - nho, o so - nho sor -

21 G/B Dm Dm/C G7
riu Pro - cu - ran - do, en - de - re - ços O des - ti no su - miu

26 Gm7 C Gm7
No dis - pa - ro da vi - da Quem não par - tiu fi - cou

31 C Gm7 A7 Dm7
Es - pe - ran - do a ba - la do de - ser - tor Na - da se - rá co - mo

35 G7 Bb7M C G/B Dm7
an - tes Por on - de, o bar - co se for

Copyright by Zezé Alves e Paulinho Lopes

Fonte: Paulinho Lopes

SALVEM O ITAPECURÚ

Paulinho Lopes

Dific. 100%

Gm F Eb Gm Cm Gm D7 Gm
Taipa telha oitão de palha quebra pote Guarapari Tajuaba Gapara Arariboia Arari

Cm Gm D7 Gm :||
papagaio namorando arara na palma do buriti

F Gm F Gm F Gm F
Buriti buritirana Japi do japiagu quem tem fome mata a fome no ouro do

Gm F Gm Eb F Gm
babaçu Quem tem sede mata a sede salvem o I - tape - curú salvem o

Eb F Gm Eb F Gm Eb F Gm
I - tape - curú salvem o I - tape - curú salvem o I - tape - curú

Gm F Eb Cm D7

Fonte: Paulinho Lopes

“Lamento do rio” (toada do rio Itapecuru) música de Zezé Alves/Paulinho Lopes, mas uma do compositor Zezé Alves.

Aqui um pouco do trabalho no livro de partituras da musicista e cantora Dilu Melo:

Na editoração foram adotados os seguintes passos: copiamos e re-escrevemos as partituras fornecidas com o apoio dos CD's; consideramos apenas algumas introduções "originais", como por exemplo, as de *Os Dez Mandamentos do Sanfoneiro* e de *Recordando os Pagos*; consideramos as repetições melódicas até onde toda a letra da música foi exposta; também não consideramos as intervenções instrumentais entre as partes da música; mantivemos o ritmo indicado naquelas partituras; o andamento aproxima-se das gravações originais. Enfim, priorizamos a melodia, o mais fiel possível à interpretação da autora ou de outros intérpretes, assim como uma harmonização característica do estilo da compositora.

Zezé Alves¹
São Luís, fevereiro de 2012.

1 - ZEZÉ ALVES (José Alves Costa) - Licenciado em Música pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Flautista, Violonista, Compositor e professor da Escola de Música do Estado do Maranhão.

Abce

Aca
apresenta
Central, e
de ninar
A
Marahô
du Mar
tura da

C

tinha
-se e
havi

C

di
d
t
c

65

6

8

ACALENTANDO SÃO LUÍS (Acalanto)

Dilú Mello

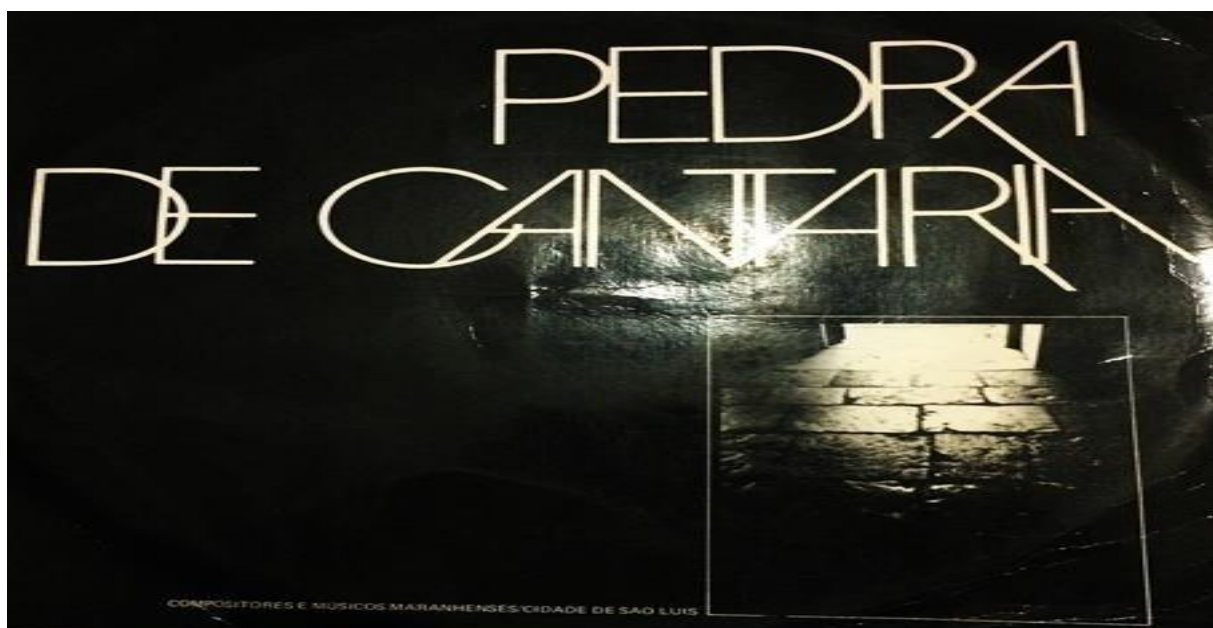
♩ = 80

1. Já faz tem-po que não ve-jo u-mare-de no quin-tal nem a bri-sa-em-ba-lan-
 2. Mui-to lon-ge vi pas-sar to-da mi-nha mo-ci-dade ho-je vol-to-em ve-lhe-

gan-do o meu lin-do pal-mei-ral no meu rei-no en-can-ta-do vim vi-ver em São Lu-
 ci-do prá bus-car fe-li-ci-dade com os o-lhos ra-sos d'a-gua eu me sin-to bem fe-

is des-dea prai-a do O-lho D'a-gua à be-le-za da ma-triz D.S. ao Coda
 liz dor-me dor-me vá fin-gin-do ser cri-an-ça São Lu-is

1. Cm 2. Cm



Os craques que deram vida ao eterno Pedra de Cantaria: Sérgio Habibe, Giordano Mochel, Omar Cutrim, Ubiratan Sousa, Zezé da Flauta, Beto Pereira, Valdelino Cécio, Marcelo Carvalho, Arlindo Carvalho, Chico Maranhão, Manoel Pacífico, Glória Corrêa, Zé Pereira Godão, Adler São Luís e Josias Sobrinho.

Fonte: Paulinho Lopes

O projeto “pedra de cantaria” o professor Zezé Alves está tocando ao lado do seu ídolo Sergio Habibe, flauta, projeto cheio de artistas do Maranhão.

BERRO

Zezé Alves e Paulinho Lopes

$\text{♩} = 70$

3 **E4** Ber - **E** Ro **E4** Ber - **E** ro

5 **A7M** como berra esta cidade **E4** rou - **E** ca **F#dim** de lamentos **F#dim** loucos habi-tantes

9 **E4** ro - **E** tos **E** e pai-xões **B7** fe - **A7M** bris **A7M** Carrancas cus-pindo

13 **E4** lo - **E** do **A7M** Em ferro - **E4** vias de fo - **E** go **B7** Limo escor-rendo das

17 **B7** Bo - **Cdim** cas **Cdim** Becos e ruas des - **C#m** calças em **A** Bus ca de seus ar -

21 **B7** dis **E4** Ber - **E** ro **E4** Ber -

25 **E** ro **E4** Onde o silêncio oculta nos so - **A7M** bra - **C7M** dos So - lu - ções de cha-fa-

29 **B7** riz **E4** Aí ae berra a ci - **A7M** da - **C/G** de que se cha - ma que

33 **B7/F#** cha - ma São Lu - **E4** is **E4** Ber -

37 **E** ro **E4** Ber - **E** ro

E4 **E** **A7M** **F#dim** **B7** **Cdim**

C#m7 **A** **A7M** **E4** **C/G** **B7/F#**

Copyright:

Fonte: Paulinho Lopes

Zezé Alves/Paulinho Lopes “berro”, onde o mestre mostra seu talento tanto na flauta, violão como na voz, participação do grande Erivaldo Gomes, compositor e percussionista que já nos deixou.